



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FABIANO SANTOS FERREIRA

**O SAGRADO FEMININO E O PAPEL DA MULHER NO MOVIMENTO
RELIGIOSO “BORBOLETAS AZUIS” DE CAMPINA GRANDE – PB (1970-2016).**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

FABIANO SANTOS FERREIRA

**O SAGRADO FEMININO E O PAPEL DA MULHER NO MOVIMENTO
RELIGIOSO “BORBOLETAS AZUIS” DE CAMPINA GRANDE – PB (1970 -2016).**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB, como requisito para a
conclusão da Graduação em Licenciatura
Plena em História.

Área de concentração: História Cultural

Orientador: Prof. Dr. José Pereira Junior

CAMPINA GRANDE – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383s Ferreira, Fabiano Santos
O sagrado feminino e o papel das mulheres no movimento religioso [manuscrito] / Fabiano Santos Ferreira. - 2016.
62 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. José Pereira Junior, Departamento de História".

1.História. 2.Mulher. 3.Religiosidade popular. 4.Sagrado. I.
Título.

21. ed. CDD 305.4

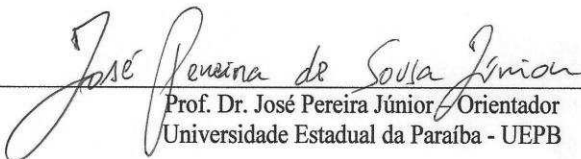
FABIANO SANTOS FERREIRA

**O SAGRADO FEMININO E O PAPEL DA MULHER NO MOVIMENTO
RELIGIOSO "BORBOLETAS AZUIS" DE CAMPINA GRANDE – PB (1970 – 2016).**

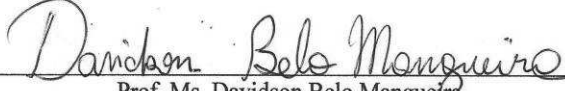
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB, como requisito para a
conclusão da Graduação em Licenciatura
Plena em História.

Aprovada em: 27/10/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Pereira Júnior Orientador
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB


Prof.ª Dra. Ofélia Maria Barros
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB


Prof. Ms. Davidson Belo Manguiera
Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.

*Dedico este trabalho aos meus pais,
Pelo referencial e caráter.
À minha esposa Ana Cristina,
Por sua dedicação, amor e companheirismo.
Às minhas filhas Letícia e Larissa.
Por serem minhas joias raras.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ser o ar que eu respiro.

À minha esposa pelos momentos de cumplicidade, compreensão e companheirismo. Por ter sido coluna de sustentação nos momentos difíceis, e que não permitiu que eu desistisse dos meus sonhos.

Às minhas filhas que mesmo tão pequeninas, sempre demonstraram ser compreensivas entendendo quando não pude cumprir com as promessas de viagens nos finais de semana.

Ao meu orientador José Junior por sua amizade, orientação, conselhos e paciência. Sempre tão solícito com seus orientandos. Incentivando-nos com sua história de vida.

Aos meus pais por tudo o que eles significam para mim, cada vitória que eu alcanço tem sempre a influência deles.

À minha sogra Maria das Neves (*in memoriam*) pelas palavras de incentivo, e por sua ajuda com as meninas.

Aos meus familiares por todo apoio e carinho por mim, pela companhia de vocês em todos os momentos, principalmente neste momento tão importante na minha vida.

Ao amigo Davidson Belo Mangureira, sua amizade veio fazer a diferença na minha vida, e que foi fator importante para a conclusão desse trabalho.

Aos meus amigos de seminários e discussões, amigos de todas as horas. Em especial à: Thiago Acácio, Wellington Sousa, Bruna Cristina, Aline Almeida, Érika de Fátima e Joselito. E não poderia deixar de agradecer aos amigos que compartilharam os momentos de alegria, cafés e risadas, Vandilma (Bacana) e Márcio.

Ao corpo docente do curso de História da UEPB, pelas contribuições para a minha formação.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar uma análise do papel das mulheres e o sagrado feminino no seio do movimento religioso “Borboletas Azuis” de Campina Grande. O movimento surgiu a partir de uma revelação do Padre Cícero para o então bem sucedido empresário do ramo algodoeiro Roldão Mangueira de Figueiredo. Após romper com o catolicismo, religião que Mangueira seguia fervorosamente ele funda sua seita, em decorrência das mudanças ocorridas no cerne da Igreja Católica sucedidas no Concílio do Vaticano II. O grupo obtém destaque nas primeiras páginas de periódicos de circulação local e nacional, a partir da propagação da profecia de que a humanidade teria o seu fim no dia 13 de maio de 1980, em decorrência de um dilúvio de 120 dias e que apenas escapariam os adeptos do grupo religioso. O presente estudo tem por finalidade fazer uma análise da trajetória do movimento, apresentando-o desde sua gênese até os dias atuais, proporcionando uma discussão dos diferentes lugares e papéis ocupados pelas mulheres no/do movimento e suas conexões com o sagrado. O trabalho se desenvolverá sob a lucidez dos seguintes teóricos: Mircea Eliade, Jostein Gaarder, Pierre Bourdieu, Tania De Lucca, e Paulo Nogueira. Utilizaremos como fontes as edições do Diário da Borborema (1970-1980), trabalhos acadêmicos relacionados ao tema a exemplo das dissertações de Davidson Belo Mangueira e de Lidiane Cordeiro Rafael de Araújo; além de pesquisas textuais de Lísias Nogueira Negrão, Stênio Lopes, Damião de Lima e Martha Lúcia Ribeiro Araújo em prol do enriquecimento do contexto histórico no qual o grupo está inserido.

Palavras-chave: História, Mulheres, Religiosidade popular, Sagrado.

ABSTRACT

The present work aims to present an analysis of the role of women and the sacred feminine within the religious movement Borboletas Azuis de Campina Grande (Butterfly Blue of Campina Grande). The movement arose from a revelation of Padre Cícero (Father Cicero) for the successful businessman of cotton branch, Roldão Magueira de Figueiredo. After breaking with Catholicism, a religion that Magueira followed fervently, he founds his own religion, due to changes in the heart of the Catholic Church succeeded in Vatican Council II. The group gets featured on the front pages of local and national newspapers, from the spread of a prophecy on that humanity would have its end on May 13, 1980, due to a flood of 120 days and that only escape the acolytes of this religious group. This study aims to analyze the movement trajectory, presenting it from its genesis until the present day, providing a discussion of the different places and roles occupied by women in /of movement and its connection with the sacred. The work will be developed under the lucidity of the following theorists: Mircea Eliade, Jostein Gaarder, Pierre Bourdieu, Tania De Lucca, and Paulo Nogueira. We will use as sources editions of Diário da Borborema (1970-1980), academic papers related to the subject example as dissertations of Davidson Belo Magueira and Lidiane Cordeiro Rafael de Araújo; besides the textual researchs of Lísias Nogueira Negrão, Stênio Lopes, Damião de Lima and Martha Lúcia Ribeiro Araújo in favor of the enrichment of the historical context in which the group is inserted.

Keywords: History, Women, Popular Religiosity, Sacred.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	8
<i>1 – As duas faces de Roldão Mangueira Figueiredo: De empresário à líder religioso do movimento religioso “Borboletas Azuis”.</i>	15
1.1 – Roldão Mangueira de Figueiredo: O empreendedor do alto sertão.	15
1.2 – Roldão e suas esvoaçantes “Borboletas Azuis”.	26
<i>2.0 – Casa de Caridade Jesus no Horto.</i>	31
2.1 – Lar sagrado lar.	31
2.2 – Na casa de meu pai “Roldão” há muitas moradas.	33
2.3 – De Casa de Caridade Jesus no Horto à Arca dos Borboletas Azuis: Trajetória de um Apocalipse.	37
<i>3.0 – O papel das mulheres no movimento religioso “Borboletas Azuis”.</i>	42
3.1 – Luciene Diniz: A profetisa dos “Borboletas Azuis”.	42
3.2 – Guardiãs do Templo: o papel das remanescentes dos “Borboletas Azuis”.	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
ABSTRACT	8
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	53
<i>ANEXO A - Capa da Revista Manchete de 10 de Novembro de 1979.</i>	55
<i>ANEXO B – Imagens usadas pela Revista Manchete na reportagem, para mostrar o interior e a parte frontal da Casa de Caridade Jesus no Horto.</i>	56
<i>ANEXO C – Aviso do movimento entregue à sociedade.</i>	57
<i>ANEXO D – Oração do Pai Eterno. (Autoria própria).</i>	58
<i>ANEXO E – Helena Diniz em frente ao Sacrário (em seu interior tem todos os elementos necessário para a realização da liturgia católica), considerado sagrado e apenas ela e Maria Tereza tem a permissão para entrar nesta parte do Templo.</i>	59
<i>ANEXO F – Imagem das adeptas na atualidade.</i>	60
<i>ANEXO G – Recortes de jornais com reportagens sobre o movimento.</i>	61

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de minhas inquietações a respeito do movimento messiânico-milenarista¹ “Borboletas Azuis”². Esse grupo sempre despertou em mim muitas curiosidades, principalmente por não conseguir diferenciar a que irmandade religiosa eles pertenciam. Nasci no ano em que o grupo sai do anonimato para tornar-se conhecido nacional e internacionalmente, sendo inclusive tema de reportagem da mídia televisiva.

Ao ingressar no Curso de Licenciatura em História, já tinha a pretensão de desenvolver meus estudos mais pautados no campo das religiões e religiosidades, mas por abrangermos na academia contato com diversos textos dos mais variados temas e períodos da história da humanidade, a cada novo texto lido e analisado, mudava minha perspectiva sobre o tema de pesquisa e me apegava a outros sujeitos históricos, deixando de lado os objetivos traçados no início de minha graduação.

Em determinada aula, um dos professores começou a abordar assuntos que falavam a respeito de grupos religiosos, e em certo ponto da conversa, discorreu sobre os “Borboletas Azuis”. A partir deste momento pude entender à que ordem religiosa, aquelas mulheres que andavam de hábitos azuis pelas ruas da cidade, pertenciam.

Quando ainda na fase de pesquisa nos indagamos: Isso dá uma História?

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. [...] por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [...], por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. [...] Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça. (BLOCH, 2001, p. 54)

¹ Chegamos a esta definição após leitura de trabalhos acadêmicos relacionados à temática, sendo imprescindíveis as contribuições dos artigos de Lísias Negrão. Em linhas gerais concluímos que, os grupos religiosos que se apresentam como messiânico-milenarista tem sua crença arrimada em um líder que por fim à ordem presente no mundo, e que sobrevirá sobre esse mundo um tempo de paz, edênico, conhecido como o Milênio. Este novo mundo será instaurado nos moldes do paraíso pregado incisivamente pelo cristianismo e suas diversas vertentes.

² “Borboletas Azuis” foi a alcunha dada pelos populares de Campina Grande aos seguidores de Roldão Mangueira de Figueiredo por motivo dos longos mantos azuis utilizados por eles. Esta designação ganha maior força quando passa a ser usada pela mídia local e com sentido pejorativo, daí o uso das aspas. Segundo informações colhidas em conversas com as adeptas, elas relataram que esse codinome surge quando os adeptos estavam realizando suas atividades cotidianas o vento tocava em seus mantos, estes esvoaçavam levando os populares a associar os adeptos do movimento ao inseto.

Compartilhamos do pensamento do historiador Marc Bloch da Escola dos Annales, por entender que o historiador tem o aguçado sentido de farejar através de suas pesquisas a carne humana, ou para melhor compreensão, - a carne de homens que estão ‘perdidos’ em um determinado tempo/espaço, esperando serem descobertos. Mas não basta apenas encontrar seu objeto de estudo, é necessário algo mais – o diálogo de precisão com a fonte, para extrair as possíveis respostas da sua problemática, quando não, o historiador fará apenas, ou quando muito, um trabalho erudito com simples narrativas, onde o novo “fazer história”, não passará de uma simples teoria sem comprovação.

A maior contribuição para a confecção deste projeto fora dada pela Escola dos Annales, quando se permitiu à História a inserção de disciplinas auxiliares – interdisciplinaridade; a constituição desse novo modelo de “fazer história”, segundo o historiador Marc Bloch em sua Apologia da história. Com essa nova roupagem do “fazer história” instituído pela Escola dos Annales, há muito o que explorar, mesmo aquelas temáticas mais exploradas, agora com lentes de melhor resolução, daí surgem as novas abordagens, novos objetos e novos problemas.

Doravante, passamos a desbravar caminhos em busca de informações e materiais que ponderassem a respeito daquele grupo religioso. Logo, encontramos alguns trabalhos com a temática “Borboletas Azuis” de Campina Grande. E a partir destes, observamos que as principais fontes documentais utilizadas eram os periódicos em circulação contemporâneos ao movimento religioso.

Para a confecção deste trabalho, além de literaturas referentes ao tema, foi imprescindível a pesquisa empreendida na Biblioteca Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba, onde encontramos um pequeno acervo do colecionador que dá nome à biblioteca. Nesse período, não nos foi possível fazermos consultas no acervo do Diário da Borborema³, pois na época, existia em tramitação, uma discussão em relação à posse do acervo que pertencia aos Diários Associados, o que ocasionaria o deslocamento do acervo para outros lugares, inclusive para outros estados. Por fim, o acervo foi cedido para a Universidade Estadual da Paraíba, no entanto, existiam imposições em torno de liberação para darmos continuidade às pesquisas.

³ O Diário da Borborema foi um jornal vinculado ao Grupo dos Associados fundado pelo jornalista Assis Chateaubriand, sua primeira publicação foi em 02 de outubro de 1957, e encerrando suas atividades no dia 1º de fevereiro de 2012. Na atualidade seu acervo pertence à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Podemos dizer que o periódico, foi o principal responsável pela ascensão do movimento “Borboletas Azuis” nas páginas da imprensa nacional e internacional. Noticiava com frequência fatos relacionados ao grupo.

Optamos por permanecer com as informações e fotografias que já haviam sido catalogadas em visitas à Biblioteca Atila Almeida no segundo semestre de 2015, período este, em que parte do funcionalismo da instituição encontrava-se em greve. Neste período, a biblioteca funcionava apenas no horário das 8h às 11h, reservando o horário da tarde para trabalhos internos. Naquele espaço encontramos um número satisfatório de informações, embora não tivéssemos encontrado todas as publicações do periódico, que envolvesse o recorte temporal proposto no título deste trabalho.

Referente a esses obstáculos, nos adverte Tania de Luca (2011), de que nem todos os espaços reservados às pesquisas, possuem a mesma forma de organização.

Embora tivesse lido duas dissertações relacionadas ao tema proposto, foram os periódicos que mais enriqueceram os meus estudos, por exigir do pesquisador um exercício mais apurado de criticidade ao fazer uso deste tipo de fonte, classificada como primária.

De acordo com Luca (2011), este tipo de informação destaca importantes fatos documentais e históricos da época que se expressam na realidade por meio da mídia:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido no acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o fica relegado às páginas internas. (LUCA In: PINSKY 2011, p. 140).

Com o advento da Nova História Cultural e as contribuições dos teóricos pertencentes à terceira geração dos Annales, podemos hoje nos debruçar sob os periódicos e trazer à tona as experiências de grupos sociais que se encontravam à margem da História, tal qual, como o alargamento do campo de preocupação dos historiadores.

Após leituras e releituras dos jornais, verificamos que muita das reportagens em suas entrelinhas continha um discurso de intolerância, obviamente resultado da falta de conhecimento referente ao movimento. A partir desta observação, ficou eminente a urgência em, nos deslocarmos desse lugar comum e buscarmos respostas que apenas os adeptos poderiam nos fornecer, além da oportunidade que teríamos de promover um confronto entre ambas as fontes escritas e orais.

Nesse momento, tínhamos como principal obstáculo, a aproximação com as duas adeptas e remanescentes do movimento. As informações que nos chegavam davam conta de que não seria uma tarefa fácil de ser realizada e que estas, as adeptas, não costumavam receber as pessoas em seu espaço sagrado, e muito menos, relatar os fatos ocorridos na trajetória do movimento.

No entanto, seguindo conselhos de outros pesquisadores do tema e tendo-os como ponte de ligação entre nós e as adeptas, conseguimos ser apresentados às mesmas e logo, acertamos o dia e horário para iniciarmos as entrevistas. O material que rendeu aproximadamente 2h de depoimento foi bastante enriquecedor. Acreditamos que rendeu ao presente trabalho, a credibilidade necessária aos estudos desenvolvidos sobre o movimento “Borboletas Azuis” e acima de tudo, o enriquecimento da temática.

Conforme Verena Alberti (2011), *“o trabalho de produção de fontes orais pode ser dividido em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento”*. Mesmo tendo os cuidados necessários para a realização das entrevistas, nem sempre rendem o esperando, sendo imprescindível agendar outros encontros.

De preferencia, devem ser usadas perguntas abertas, que levem o entrevistado a discorrer a respeito do tema e não possam ser respondidas simplesmente sim ou não. Por exemplo: “A que o senhor atribui...?”, “Onde a senhora estava quando...?”. Ao formular as perguntas, o pesquisador precisa ser simples e direto. Extensas introduções e ponderações podem confundir o entrevistado e talvez induzi-lo a dizer o que ele acha que o pesquisador quer ouvir. Fotografias, recortes de jornal, documentos e menção a fatos específicos podem ser uteis para reavivar a lembrança sobre acontecimentos passados. É possível reservar uma parte da entrevista para a discussão e a análise de alguns temas, já que a forma pela qual o entrevistado percebe o assunto investigado também é relevante em pesquisas de História oral. (ALBERTI In: PINSKY 2011, p. 179).

Vale ressaltar que devemos estar atentos a detalhes, como pequenas gesticulações, tendo o cuidado de nos mantermos longe de possíveis agentes que venham interferir direta ou indiretamente nas respostas do depoente durante as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas em dias e horários sugeridos por dona Helena Diniz e dona Tereza⁴, e deveriam acontecer na Casa de Caridade Jesus no Horto⁵. A maioria das

⁴ Essas mulheres são adeptas do movimento desde o início. Na atualidade, a irmã Tereza reside na Casa de Caridade Jesus no Horto e é considerada guardiã do templo, enquanto que D. Helena mora sozinha, mas é a que lidera o movimento, embora em entrevista ela declarou que não se considerava enquanto tal, e auxilia no manutenção da casa, das reuniões e é cuidadora de D. Tereza, por esta se encontrar com a saúde física debilitada devido à idade avançada.

perguntas foram respondidas por Helena, isso se deve a dois fatores: primeiro, por Helena ser a adepta de maior atuação no movimento, e segundo por conta da frágil saúde de Tereza, que reservou-se durante a entrevista à apenas ressaltar e/ou confirmar as falas de Helena, repetindo-as e em raros momentos complementando as respostas de Helena.

O objetivo deste trabalho consiste na apresentação do grupo messiânico-milenarista “Borboletas Azuis” através de uma perspectiva diferente das discutidas em outros trabalhos publicados. Logo, passamos a observar a presença das mulheres do movimento em fotografias, entrevistas, e também nos materiais catalogados nos periódicos. Essa perspectiva surge a partir das leituras e do levantamento de observações realizadas nos trabalhos, e evidentemente pelas discussões e palestras realizadas no âmbito acadêmico em relação à perspectiva de gênero.

O tema de gênero no contexto histórico, e vem sendo discutido a partir de como as sociedades entendem as relações entre o que masculino e feminino. No campo da História das Religiões, esta relação tem sido estudada mediante o lugar ocupado e/ou que deve ser ocupado por homens e/ou mulheres, sem esquecermos em que aspecto se apresenta, principalmente no tocante às hierarquias dentro das diversas sociedades e grupos religiosos que originalmente surgem pautados no patriarcalismo, dessa forma, obrigando a mulher acólita desses movimentos a buscar meios para consolidar seu lugar dentro desta hierarquia cristalizada.

A análise do movimento messiânico-milenarista dos “Borboletas Azuis” foi realizada a partir da perspectiva do sociólogo Pierre Bourdieu e seu conceito de poder simbólico. Inferimos que para atingirmos os objetivos elencados nesse trabalho, no tocante à abordagem do papel da mulher no seio do movimento, e principalmente quanto ao lugar de liderança ocupado pelos seguidores de Roldão Mangueira, após seu afastamento do movimento, nos é necessário uma elucidação por meio deste teórico.

Se criteriosamente observarmos o papel de Luciene, Tereza e Helena Diniz, podemos afirmar que na trajetória do grupo religioso, sempre existiram mulheres que se apresentaram como guardiãs das normas do grupo, e indiscutivelmente, Luciene, embora não possuísse características físicas próprias de indivíduos que ocupam lugares de destaques, - de acordo com o senso comum -, sempre exerceu sobre os adeptos um poder de construção da realidade

⁵ A Casa de Caridade Jesus no Horto é o local/templo onde o grupo se reúne desde a sua gênese para realizar seus rituais.

para estabelecer uma ordem. Conscientemente ou não, mesmo quando esta abandonou o grupo, exerceu esse poder a ponto de muitos adeptos abandonarem o movimento porque a freira, santa e virginal, os havia abandonado.

Consoante Pierre Bourdieu (1989),

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-conhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (BOURDIEU, 1989 p. 15).

Em nossa abordagem do sagrado, buscamos arrimo nas concepções teóricas do romeno Micea Eliade. Em linhas gerais, partimos do pressuposto que sagrado é tudo aquilo que está separado das (des)ordens impostas pelo mundo exterior, supondo que o mundo interior é representado pelo lugar do culto. O que está fora dos limites do lugar de culto é representado e/ou considerado impuro, portanto simboliza o profano.

Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe que o cerca. (ELIADE, 2010, p. 25).

Partindo deste pressuposto e tendo como referencial a Casa de Caridade Jesus no Horto, podemos inferir que tudo o que se encontra fora dos limites do templo, representa o não-sagrado, portanto, o mundo exterior, com suas desordens sociais e permeado de crises que justamente surgem no seio de movimentos sociais, a exemplo dos “Borboletas Azuis”, que consideram estes tais eventos como sinais do “fim dos tempos”, crendo em uma escatologia⁶, propiciando um cenário fértil para o surgimento e a implantação de um mundo edênico, o Reino de Deus ou o Milênio do Senhor, conforme o ideário religioso de cada grupo.

⁶ Parte da teologia e filosofia que trata dos últimos eventos na história do mundo ou do destino final do gênero humano, comumente denominado como fim do mundo. Em muitas religiões, o fim do mundo é um evento futuro profetizado, ou escatológico.

Consoante Manguiera (2014) que diz,

O “Borboletas Azuis” se apresenta como um movimento pacífico, no qual não houve revolta armada ou uso da violência por parte de seus líderes e adeptos. Sua busca por justiça social era somada a um desejo permanente de purificação e separação do mundo vigente, estabelecendo uma crítica ao mundo moderno, e um resgate da tradição católica dos moldes anteriores ao Vaticano II, que para a confraria religiosa, apresentou uma imersão da igreja e comunidade católica aos anseios dos tempos modernos, tornando-se pecaminosa e aversa à vontade de Deus. (MANGUEIRA, 2014, p. 32).

Não poucas vezes a história registrou movimentos de resistência, contra os poderes instaurados e a violência dispensada, ocasionando assim o surgimento de grupos religiosos na esperança de libertar os menos favorecidos das forças opressoras. A esperança, muitas vezes era depositada num ser que fizesse justiça e estabelecesse a ordem, para a construção de um novo mundo.

O primeiro capítulo, apresentará aos leitores como se deu o início do grupo religioso “Borboletas Azuis”, movimento religioso que surge na cidade de Campina Grande-PB, sob a liderança de Roldão Manguiera de Figueiredo, que na época era um avultado empresário do algodão.

No segundo capítulo, abordaremos a relação dos adeptos com a Casa de Caridade, a manifestação do sagrado no seio do movimento e a trajetória do apocalipse, desde sua proclamação até a não concretização do dilúvio e suas consequências para a continuidade dos “Borboletas Azuis”.

No terceiro e último capítulo, apresentaremos o papel das mulheres dentro do movimento religioso, destacando as adeptas: Luciene Diniz, Helena Diniz e Maria Tereza. Demonstraremos que a escolha para relatar o lugar ocupado e o papel dessas mulheres dentro do movimento não foi feito de forma aleatória, mas por descobrirmos que por meio delas, o movimento ganhou novas perspectivas. No início, Luciene fora imprescindível para o movimento, e desde a não concretização da profecia do dilúvio até os dias atuais, destacam-se Helena Diniz e Maria Tereza.

1 – As duas faces de Roldão Mangueira Figueiredo: De empresário à líder religioso do movimento religioso “Borboletas Azuis”.

1.1 – Roldão Mangueira de Figueiredo: O empreendedor do alto sertão.

Os “Borboletas Azuis” passam a se tornar conhecidos no estado e ter todos os olhares direcionados para si a partir da divulgação de uma profecia referente a um dilúvio que viria sobre o mundo no primeiro semestre do ano de 1980, que fora professado por meio do espírito do menino Jesus, incorporado em Luciene Diniz⁷, seguidora do movimento.

A Casa de Caridade Jesus no Horto, com doutrina católica, registrada como associação civil de caráter religioso em 1970, só ganhou, contudo, notoriedade em 1978. Em junho desse ano, a diretoria da casa distribuiu 10 mil panfletos pela cidade, trazendo a público uma profecia.” (NOVAES; RAMALHO, 1990, p. 37).

Ao contrário do que muitos acreditam, o grupo religioso não teve seu início a partir da citada profecia, seu começo se deu alguns anos antes, na década de 60. Este grupo religioso surge a partir de uma série de acontecimentos, entre rupturas e mudanças ocorridas nos diversos setores da vida de um homem que havia deixado em sua terra natal, toda a sua família, seguindo para a cidade de Campina Grande em busca de melhores condições para o desenvolvimento de suas atividades comerciais.

Mangueira opta por Campina Grande por esta se tratar de uma cidade que desde sua origem tem sido um importante entreposto comercial, e que entre as diversas atividades comerciais em desenvolvimento na mesma, o algodão, também chamado de “ouro branco”, era a atividade comercial de maior destaque entre os anos 1930-1960.

Campina Grande ficou conhecida sob a alcunha de Liverpool brasileira, era grande concorrente da original Liverpool, cidade inglesa e maior exportadora de algodão. Por esse motivo, a cidade de Campina Grande passa a atrair grandes empresários industriais, e até um grande número de pessoas, que em busca de melhores condições de vida migraram para a cidade. O ramo algodoeiro provocou um avanço industrial na cidade, chegando a ultrapassar a capital paraibana, - João Pessoa, em número de estabelecimentos industriais e operários.

⁷ Luciene Diniz, seguidora do grupo religioso que tempos depois se torna profetisa, após desenvolver sua mediunidade dentro do grupo (informação colhida por meio de entrevistas com as duas adeptas remanescentes), dizia receber a incorporação do Menino Jesus e de Nossa Senhora. Luciene trouxe profecias fundamentais para o grupo, a exemplo do advento do dilúvio e o uso das vestes brancas e azuis. Porém deixou a missão para casar-se com um jovem chamado Breno, outro adepto do movimento.

Durante os anos quarenta, a cidade vê surgir novas indústrias ligadas a atividades têxtil, couro, alimentos etc. entre 1950 e 1960, a cidade cresce em importância na região, devido a seu acelerado processo de industrialização e à abrangência do comércio com as cidades circunvizinhas, e até com outras regiões do Nordeste. Em 1955, a cidade já contava com 71 estabelecimentos com mais de 5 operários, totalizando nestes estabelecimentos 1.970 operários e 45% do valor total de produção, tendo como principal sub-ramo o beneficiamento do algodão e fabricação de redes, sacos, redes de fios etc. (LIMA In: GURJÃO 2001, p. 124).

Roldão Manguera de Figueiredo, desde jovem sempre tivera um espírito empreendedor. Enxergou no crescimento comercial e industrial de Campina Grande a possibilidade de alcançar melhores condições econômicas.

Assim começa a história de um homem que, desde menino, desenvolvera uma vida de muito trabalho ao lado de seus pais, que eram prósperos agricultores e lhe proporcionaram valiosíssimos ensinamentos, rendendo ao jovem uma excelente trajetória enquanto futuro empresário do ramo algodoeiro, e que anos mais tarde, renunciaria à sua vida de opulência por conta de um encontro espiritual com o Padre Cícero. Esse fato o levou a se tornar o principal líder e fundador de um grupo religioso que ficaria conhecido sob a alcunha de “Borboletas Azuis”, e estes por sua vez saíam do anonimato, ganhando repercussão nacional e até internacional, por anunciarem um segundo dilúvio, que acabaria com toda a humanidade, salvos os que estivessem reunidos com o grupo em seu templo, - a Casa de Caridade Jesus no Horto.

Corroborando com o escrito acima, Moacir Alves Carneiro (1995) relatou, “*Segundo a mensagem divina, somente eles escapariam ao Dilúvio que castigaria a terra. [...] O dilúvio seria o fim do mundo do pecado. Escapariam somente aqueles que tivessem ouvido e seguido as mensagens do Senhor, transmitidas pelo espírito do Padre Cícero Romão*”.

Roldão Manguera de Figueiredo, nasceu em 05 de março de 1905, natural da cidade de Conceição do Piancó, situada no alto sertão do estado da Paraíba, filho de João Manguera de Sousa e Maria Arruda Figueiredo, ambos agricultores.

Roldão recebera formação religiosa católica por intermédio de seus pais e passara sua infância, auxiliando-os no trabalho do campo, sendo considerado, dentre nove irmãos, o mais inteligente e ativo. Por motivo de fatalidade, com o falecimento de seus pais, assume a responsabilidade de chefiar a família com a idade de quatorze anos, ficando como responsável até os vinte e três anos. (MANGUEIRA, 2014, p. 104).

Em 27 de outubro de 1923, ainda moço, contrai matrimônio com Antônia Furtado de Figueiredo, viúva e proprietária de um pequeno comércio. Após seu casamento, Roldão chega a trabalhar em diversas atividades, mas por possuir certa inquietação característica dos homens com espírito empreendedor, prontamente busca meios promissores para sustentar os seus.

Vigorosamente, Roldão Mangueira principia um pequeno comércio de peles e algodão em sua cidade natal, e mais tarde passa a residir em Fortaleza, começando assim sua trajetória enquanto homem de negócio.

Por algum tempo, trabalhou como chefe de tropas de burros, viajando de Conceição a Missão Velha, no Ceará, transportando e comercializando mercadorias. Roldão estabelece, na mesma época, um pequeno comércio de peles e algodão em Conceição e em contrapartida, estabelece residência em Fortaleza, no Ceará em 1932, onde compra um caminhão, transportando cera de carnaúba entre a capital e Sobral, cidade localizada no norte do Ceará. Dois anos depois, em 1934, inovara novamente, mandando fabricar o primeiro caminhão misto que se tem conhecimento na Paraíba, era um tipo híbrido que transportava mercadorias e passageiros. Com ele, estabelecia uma linha de transporte de passageiros e mercadoria entre Conceição e Patos. (MANGUEIRA, 2014, p. 105).

Mas, é a partir de 1935 que Roldão ao migrar sozinho para a cidade de Campina Grande instalando residência, apesar de ter deixado toda sua família em sua cidade natal, prontamente expande seus negócios.

Em 1939, bem estabelecido e com os negócios em bom andamento, traz a família do sertão para residir na cidade de Campina Grande. Dois anos, mais tarde, estabelece um modelo familiar de trabalho, com os filhos desenvolvendo funções particulares em prol do bom andamento dos negócios. Assumindo a liderança do comércio de mamona e algodão na cidade de Campina Grande. (MANGUEIRA, 2014, p. 106).

Roldão não fugiu à regra existente entre os homens de negócios da época, que contemplavam na cidade de Campina Grande grandes oportunidades de crescimento econômico, e apegando-se às favoráveis condições oferecidas pelo grande momento vivenciado pelos empreendedores já instalados na cidade, Roldão decididamente passa a investir em diversas frentes de negócios.

Predominavam as atividades comerciais. A cidade se tornara um próspero centro receptor e distribuidor de mercadorias em relação aos municípios do interior da Paraíba e de Estados vizinhos. O algodão era o “rei”. As dezenas de firmas compradoras do algodão em caroço e exportadoras da fibra em fardos, as fábricas de descaroçamento e preparação da pluma, os equipamentos de extração do óleo, o carregamento dos caminhões e vagões da estrada de ferro para o embarque do produto, ocasionavam uma agitação

febril entre milhares de pessoas envolvidas no processo. O algodão estava por toda parte. Nas conversas dos empresários, na pauta dos estabelecimentos bancários, nas relações comerciais, na vida da população. (LOPES, 2014, p. 50).

Com determinada brevidade de tempo, Roldão Mangueira passa a ser reconhecido como um afortunado empresário e comerciante de algodão, agave e mamona, chegando a exportar estas fibras para diversos países.

Somente em 1939, trouxe a família do sertão, movido pela necessidade de educar os filhos e dar maior desenvolvimento aos seus negócios. Não demorou e, dois anos mais tarde, já havia assumido a liderança, em Campina Grande, do comércio de algodão, mamona e caruá. A partir de 1952, era o maior exportador nordestino destes produtos. Comprava-os e, ainda, agave, dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande Norte, Paraíba e Pernambuco. (CARNEIRO, 1995, p. 22).

O empreendedor Roldão Mangueira possuía muitos bens, e fora proprietário de diversos imóveis, inclusive o imóvel no qual até os dias atuais, funciona o templo dos “Borboletas Azuis”, - A Casa de Caridade Jesus no Horto, atualmente sob a supervisão e cuidados de dona Tereza, uma das remanescentes do grupo.

Stênio Lopes (2014) descreve em seu livro intitulado *Campina Grande e seu Destino: Uma cidade de muitas conquistas e Uma Grave Ameaça*, que a cidade vivia os tempos áureos de pleno desenvolvimento em diversos setores, a exemplo da abertura de escolas. A cidade contava com 5 centros médicos, e no fim da década de 1950 surgia a Escola Politécnica de Campina Grande, atualmente Universidade Federal de Campina Grande, e a Maternidade Municipal.

No início dos anos 1950 a cidade contava com uma população de 173.206 habitantes, população maior do que a da capital que contava com um contingente de 119.326 habitantes. Lopes (2014) explica que esse grande número de habitantes de Campina Grande se dava graças às diversas frentes de trabalho e ao claro desenvolvimento da cidade, que se estendia às cidades e distritos circunvizinhos.

Este crescimento deveu-se principalmente pela efervescência do comércio, que atraiu um grande número de outros pequenos comércios que dariam suporte às principais atividades econômicas desenvolvidas na cidade, a exemplo de oficinas mecânicas, que dariam suporte ao enorme fluxo de veículos de pequeno e grande porte que eram utilizadas para o tráfego de mercadorias entre o litoral e o sertão.

Uma singularidade precisa ser registrada: Campina Grande tornara-se, naquela fase, um grande centro de oficinas mecânicas que davam sustentação não somente ao fluxo interminável de veículos do transporte intermunicipal e interestadual, mas também às fábricas das indústrias instaladas. Mecânicos de Campina Grande eram capazes, pela sua perícia, de realizar tarefas difíceis. Muitas vezes eram criativos e engenhosos. Luiz Rodrigues Xavier, da Fundação Vulcano, fabricava com seus ajudantes desfibradores de algodão que vendia para estados como Piauí e Maranhão. (LOPES, 2014, p. 56-57).

Enquanto que Lopes (2014) nos descreve a década de 1950, como os anos de ouro do desenvolvimento econômico no Estado da Paraíba, dando o devido destaque para a cidade de Campina Grande, em contrapartida a historiadora Martha Lúcia Ribeiro Araújo, em seu texto *Tempos de Crise e decadência na economia paraibana (1945-1964)*, nos mostra indícios de uma década que começa a sofrer com o gradual declínio na cultura algodoeira, decorrente da falta de incentivos para os pequenos produtores, ausência de estímulo, causando certa ineficiência para acompanhar o desenvolvimento das novas técnicas de plantio e colheita utilizadas no eixo Centro-Sul do país, que aos poucos foram se tornando eficazes produtores de algodão.

A cultura de algodão, a mais importante do Estado, não consegue acompanhar as mudanças que estão se processando no Centro-Sul. Mantendo técnicas atrasadas de plantio e colheita, não aumenta a produção. Além disso, firmas como a SANBRA e a CLAYTON, financiavam os pequenos produtores, porém, após a colheita, determinavam os preços, em detrimento dos produtores, desestimulando, assim, a produção. Essas formas sofreram a crise do comércio de algodão do Estado e aos poucos foram se retirando do mercado paraibano. Nesse período, Campina Grande começa a perder a sua função de cidade organizadora do espaço estadual. João Pessoa cresce, assumindo a função de integração da economia do Estado ao espaço nacional. Para esta situação, contribuiu a construção da BR-230, que, ligando diretamente o sertão ao litoral, vai permitir o escoamento de toda a produção para polos como Recife e João Pessoa. [...] Na Paraíba, apesar das indústrias tradicionais (algodão, sisal, couro etc.) continuarem sendo o setor de maior peso, apresentavam-se em crise, ocasionando desemprego. (ARAÚJO In: GURJÃO 2001, p. 114).

Nesse contexto podemos analisar que a cultura algodoeira não estava mais vivendo seus tempos áureos, conforme a escrita de Araújo (2001) na citação acima podemos observar que já existia entre os produtores certo descontentamento, que não somente atingia os pequenos produtores, mas já havia chegado aos setores/níveis mais abastados que dependiam da cultura do algodão.

Neste interim, Campina Grande já sofria com o abastecimento de água, e isso se agravava decorrente ao crescente número de indústrias instaladas na cidade. A problemática

inclusive foi assunto central no I Encontro dos Bispos do Nordeste⁸, realizado em maio de 1956.

Esse encontro memorável, que se encaixava na campanha da Associação Comercial em prol do abastecimento d'água da cidade, foi decisivo para a determinação do inesquecível Presidente da República, Juscelino Kubitschek, tomar a decisão e aplicar os recursos financeiros necessários à execução das obras de construção da primeira adutora de água do Açude Boqueirão para Campina Grande. (LOPES, 2014, p. 83).

Podemos perceber os destaques relacionados à produção, produtores, comissários, vendedores e empresários do ramo algodoeiro, no entanto verificamos a ausência de referência do empresário Roldão Mangueira Figueiredo, haja vista que este até meados da década de 1950, foi uma figura proeminente na sociedade paraibana, e isso se deveu principalmente por seu espírito empreendedor e por se posicionar como um dos empresários de maior destaque no ramo da cultura algodoeira.

A respeito do caráter empreendedor de Roldão, Lidiane Cordeiro Rafael de Araújo (2008) em sua dissertação de mestrado nos relata que, “*Roldão Mangueira era visto na cidade como uma pessoa de projeção. Através do comércio, conseguira adquirir muitos bens materiais tornando-se proprietário de diversos imóveis na cidade.*” (ARAÚJO, 2008, p. 48).

Observe a citação abaixo de Lopes (2014), onde ele expõe alguns nomes e relata a respeito do predomínio dos dois maiores grupos de industriais do ramo algodoeiro que, direta ou indiretamente impedia o crescimento dos pequenos comissários.

A ação de duas grandes firmas, na época dirigidas por dois ativos homens de negocio, Francisco Alves Pereira na SANBRA, e José Pereira Lima na Anderson Clayton, não impedia que outros grupos e outros empresários do algodão fizessem seus negócios. [...] as principais firmas que se dedicavam ao algodão, comprando, vendendo, exportando, beneficiando, industrializando o produto, eram além das duas antes citadas, os grupos Araújo Rique, Cassiano Pereira, Pedro Ribeiro, Cotonificio Campinense, Cícero Medeiros, Marques de Almeida, Velloso da Silveira, Luiz e Fleury Soares, entre os que pude colher na memória. Havia muitos outros: corretores, comissários, compradores, que dava pujança aos negócios algodoeiros. (LOPES, 2014, p. 51).

Como antes referido, a década de 1950 foi um divisor de águas na vida do então empresário Roldão Mangueira Figueiredo, e este, apesar de não depender apenas dos seus

⁸ Deste encontro surge o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), que acaba por originar a SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. O órgão foi criado no governo do presidente Juscelino Kubitschek, sob a Lei nº 3692 de 15 de dezembro de 1959. Fonte: <http://www.sudene.gov.br/sudene#instituicao> sudene.

armazéns de algodão, sendo proprietário de um amplo patrimônio, inclusive de certo número de imóveis na cidade, devido a um evento ocorrido em um de seus armazéns, Roldão passa a dar outros rumos à sua vida enquanto empresário. Processo este que dará início à concepção do Roldão-líder religioso, que por seguidas rupturas irá se rescindir do indivíduo Roldão-empresário.

No ano de 1955, o então empresário Roldão Mangueira tem um grande prejuízo provocado por um incêndio no maior de seus armazéns de algodão. O incidente fez se aproxima-se da doutrina espírita, apesar de ser um católico praticante. O empresário inicia uma série de mudanças em sua vida, desativando gradativamente seus comércios e passando a viver apenas das rendas de seus negócios. Apesar do abalo financeiro, Roldão não fora preponderante no seu descontentamento, pois sendo homem religioso praticante assíduo da doutrina católica, encontrava apoio e alento espiritual no mesmo.

Infelizmente, é no catolicismo romano, base de crença e fé de Roldão que o mesmo sofre mais uma decepção aumentando seu descontentamento por conta do Concílio do Vaticano II⁹.

Com relação ao episódio do incêndio, há algumas especulações que na época foram levantadas por populares, e até mesmo pelos jornais na época, e uma das hipóteses é que ele mesmo, Roldão teria sido o causador da catástrofe na tentativa de receber um seguro, pois se acreditava que o mesmo estava passando por momento de crise. Entretanto nenhum trabalho acadêmico ou outro tipo de literatura, descreve a respeito dessa possível crise que o mesmo estivesse passando. Portanto, até essa data, nada se sabe concretamente a respeito das causas do incêndio.

Não encontramos fatos concretos que fundamentem o citado incêndio criminoso, embora dona Helena tenha-nos relatado em alguns momentos na entrevista que Roldão gostava muito de conversar com ela, nada nos falou a respeito do caso, e quando interrogada sobre o evento respondia contando-nos a respeito de assuntos alheios.

⁹ O Papa João XXII convocou o Concílio Vaticano II em 25 de dezembro de 1961, este que foi solenemente aberto por ele em 11 de outubro de 1962 e encerrado pelo Santo Padre Paulo VI em 8 de dezembro de 1965. O Sumo Pontífice considerava que estávamos entrando num período grave da história humana. O Papa João XXIII desejava muito que, com o concílio, a Igreja encontrasse um modo mais atual de apresentar ao mundo a verdade de sempre. Nada de mudar a doutrina e a moral, nada de amolecer o Evangelho, mas apresentá-lo de um modo mais compreensível ao mundo naquela época.

Fonte: http://wiki.cancaonova.com/index.php/Conc%C3%ADlio_Vaticano_II

Haja vista que Roldão, após essa experiência e do seu encontro espiritual com o Padre Cícero, teria repartido entre os seus familiares os seus bens, optando por viver longe dos prazeres mundanos, renunciando ao seu estilo de vida de pompa e opulência, além do fato de ser um indivíduo que tinha como característica, a prática da caridade, estando sempre pronto para ajudar aos mais necessitados.

Negrão (2001) relata que Roldão possivelmente teria passado por um momento de crise financeira e chegou inclusive à pobreza, *“É certo que chegou a ser um próspero comerciante e exportador de algodão, mas faliu e empobreceu.”* (NEGRÃO, 2001, p. 127). Diante de tal afirmação podemos contestar, usando as palavras de Mangueira (2014), quando afirma que Roldão fazia uso de suas rendas para a manutenção da Casa de Caridade Jesus no Horto, sequer aceitava doações para a conservação do local. E, inclusive Roldão em entrevista à Revista Manchete¹⁰ em 1979, afirma que: *“[...] Estão dizendo por ai que ganho dinheiro com a minha seita. Não é verdade. Sou homem rico e tudo o que possuo está em nome de meus filhos.”* (BORBOLETAS AZUIS..., 1979, p. 74).

Na época, os filhos de Roldão tomaram a frente dos negócios, escriturando propriedades e estabelecimentos comerciais quando perceberam que ele estava se desfazendo de tudo e empregando suas economias na Casa de Caridade, e isto acontecia porque naquela Casa não se aceitavam doações, característica presente no seio do grupo até os dias atuais.

Em entrevista, perguntamos para as adeptas como faziam para manter a Casa de Caridade, se porventura recebiam doações a exemplo de outras instituições religiosas. Tão logo respondeu dona Helena ratificando que:

Não aceitamos doações! Se você quiser dar um maço de vela nós aceita. Vela nós aceita para acender pros protetores. Outra coisa não! Eu tenho como me sustentar, ela (Tereza) tem como se sustentar, eu tenho minha aposentadoria e ela (Tereza) tem. Temo nosso sustento, como se sustentar.¹¹

A edição do Diário da Borborema, em 15 de maio de 1980 traz uma breve notícia de que os familiares de Roldão embargariam seus bens, após o não cumprimento da profecia do dilúvio, e por ocasião da situação da sua saúde que se encontrava frágil.

¹⁰ Rio de Janeiro, 1952, este é o ano em que a “Revista Manchete” é lançada oficialmente no mercado nacional. A publicação em si, do empresário Adolpho Bloch, marcava um verdadeiro divisor de águas na história recente da imprensa brasileira. Para que o leitor tenha uma ideia, já em seus primeiros anos de vida, a Manchete já despontava como uma revista inovadora.

¹¹ Extraída da entrevista realizada em: 12/10/2016.

A manchete do Diário da Borborema do dia 15 de maio de 1980¹² dizia,

A família do sr. Roldão Mangureira, o místico líder da Casa de Caridade Jesus no Horto, vai entrar com recurso judicial, a fim de embargar os bens daquele ex-comerciante, inclusive o prédio onde funciona o Centro Espírita dos Borboletas Azuis, sob a alegação de que, com 76 anos de idade, está sem condições de geri-los. (FAMÍLIA EMBARGA..., 1980, p. 7).

Assim concluímos que Roldão não havia chegado à bancarrota, mesmo porque este antes de iniciar sua trajetória enquanto líder religioso dos “Borboletas Azuis”, reparte seus bens entre seus familiares. Dessa forma fica a seguinte indagação: Como repartir o que não possuía? Ou como embargar o que havia se perdido décadas atrás?

Frequentemente, verificamos em artigos científicos esse tipo de conclusão sendo repetida enquanto verdade absoluta, e até mesmo da possível “falência” de Roldão, sendo apresentada como principal causa para o surgimento do grupo religioso liderado pelo mesmo.

No entanto, o surgimento do grupo se dá no início dos anos 1960, num cenário em que Roldão Mangureira, ainda empresário e bem sucedido, tem uma experiência espiritual que comumente chamamos de “encontro com o Padre Cícero”, e do santo padre recebe um chamado e/ou missão que culmina na abertura do Centro Espírita, o que também se deve por influência das frequentes visitas de Roldão a centros espíritas kardecistas, após uma série de descontentamentos por causa das mudanças estabelecidas no cenário mundial da Igreja Católica Apostólica Romana após o Concílio do Vaticano II.

Segundo Mangureira (2014), o líder dos “Borboletas Azuis” seguiria o exemplo de seu santo guia, - São Francisco de Assis¹³, chegando a abandonar as riquezas para assumir a missão que lhe fora designada, o santo passaria a ser o “padrinho” do grupo religioso. São Francisco era comumente incorporado e guia do grupo com mais ênfase entre as décadas de 60 e 70, e perde seu poder para o menino Jesus e Maria, incorporados por Luciene.

Mesmo deixando sua família, agora pela segunda vez, já que antes ao migrar para Campina Grande ainda nos anos 1930, havia deixado os seus em sua cidade de origem, e só depois os trouxe para junto de si, nunca rompe por definitivo com seus familiares. Em nenhuma das literaturas e fontes consultadas para a produção do presente trabalho, encontramos indícios de atitudes semelhantes ao abandono por parte de Roldão ou de sua

¹² FAMILIARES EMBARGAM... Diário da Borborema, 15 de maio de 1980.

¹³ São Francisco de Assis é venerado pelos adeptos do catolicismo por sua pregação ao desapego às coisas materiais, empregando suas forças em ajudar os mais necessitados.

família, que mesmo sendo contrária às decisões do então chefe da família, jamais o abandonou.

Inclusive, jornais da época que fizeram a cobertura do então Dia do dilúvio, - 13 de maio de 1980, a exemplo do Diário da Borborema, relatam que o líder por ocasião de uma série de enfermidades, não pôde comparecer ao Templo dos “Borboletas Azuis”, pois se encontrava em sua casa com seus familiares, bastante debilitado e sendo cuidado pelos mesmos.

Roldão Manguiera, que outrora era seguidor atuante do catolicismo, inclusive grande defensor desta religião, fazia questão de educar seus filhos de acordo com os preceitos da mesma e era frequente, juntamente com toda a família nas missas, principalmente as que eram presididas na Igreja de Santo Antonio, situada no bairro de mesmo nome na cidade Campina Grande, devido à admiração que nutria por este santo e sua vida de abnegação e desapego material¹⁴.

Roldão chega a romper com o catolicismo romano após a promulgação do Concílio do Vaticano II, entendendo que as determinações existentes neste documento provocariam mudanças irreparáveis à prática do catolicismo primordial, e que ocasionaria uma perda de identidade por parte de seus fiéis, já que este edito traz em seu conteúdo, mudanças relativas à liturgia praticada nos cultos católicos, tais como o uso de instrumentos musicais, celebração da missa em língua vernácula, dentre outras.

Para a Igreja Católica, e ao contrário do que pensava Roldão, o Concílio do Vaticano II significava muito mais do que simples mudanças, pois ia muito além. O Concílio seria a renovação do catolicismo em todo o mundo. O Concílio do Vaticano II tem seu início na década de 1960, mais precisamente no ano de 1962, a Igreja encontrava-se sob o pastorado do papa João XXIII, e mesmo vindo a falecer em dezembro de 1965, o seu sucessor, o papa Paulo IV, deu continuidade ao Concílio do Vaticano, que acima de tudo, denotou ares de progresso à Igreja Católica.

Desde a década de 1960 a Igreja Católica vem passando por uma vibrante renovação. O papa João XXIII foi, em parte, o inspirador desse movimento, quando em 1962 organizou um encontro geral dos bispos, ou concílio, no Vaticano. Uma das decisões cruciais ali tomadas foi que os serviços não mais deveriam ser realizados em latim, mas na língua do país onde fossem celebrados. Além disso, houve um apelo para que se lesse a Bíblia, de

¹⁴ No popular católico, Santo Antônio representa a generosidade e o amor ao próximo. Ele ajudava muitas famílias pobres que não tinham o que comer.

preferência numa tradição moderna, e foram organizados grupos de estudos bíblicos para os leigos. Depois da reforma protestante, a Igreja havia cessado de incentivar a leitura da Bíblia entre os leigos, temendo que isso pudesse levar a ensinamentos errôneos e a tendências heréticas. (GAARDER, 2005, págs. 203, 204).

Roldão Mangueira, que havia rompido com um estilo de vida abastada, também rompe, a partir deste momento, em definitivo com o catolicismo, que dantes tinha em seus ensinamentos, principal referencial de vida. Seus genitores haviam lhe dispensado uma educação pautada na moral católica, moral esta, que se estendeu a seus filhos e netos, tendo Roldão, colocado nas mãos de sua irmã a responsabilidade de educar e auxiliar as crianças quando estas frequentavam as missas.

Na dissertação de Davidson Belo Mangueira, percebemos uma prestigiosa descrição de seu bisavô, Roldão Mangueira Figueiredo. Isto só lhe foi possível, por conta de sua estreita relação tanto com os herdeiros do líder dos “Borboletas Azuis”, assim como os antigos frequentadores da Casa de Caridade e as duas remanescentes do movimento, Maria Tereza e Helena Diniz. Todos lhe cederam momentos preciosos para a realização de entrevistas e, inclusive acesso a documentos antigos e autorização para fotografar materiais próprios do grupo religioso.

De posse deste rico material de pesquisa, Mangueira (2014) pôde distintamente, tecer em sua dissertação, a rica trajetória de Roldão, especificando detalhes de sua criação e de sua notável carreira, como empresário do ramo algodoeiro. Dentre as diversas características de Roldão apresentadas por Davidson Belo Mangueira, separei alguns excertos que apresentam a estreita relação de Roldão com o catolicismo, como podemos observar na citação abaixo.

[...] estimulando a família à devoção aos princípios do catolicismo e ao comparecimento às reuniões regulares da Igreja Católica, [...] Um católico tradicional [...] Roldão era religioso desde sua mocidade, recebendo uma educação religiosa exemplar por meio de seus pais. O líder dos “Borboletas Azuis” sempre se designou como membro ativo do Catolicismo Romano, [...] frequentava as missas e ainda envolvia toda a família na participação das reuniões dominicais. [...] contribuía com grandes quantias financeiras à Igreja Católica. [...] era um católico fervoroso. (MANGUEIRA, 2008, págs. 112, 113, 114).

Assim, percebemos, sem muita dificuldade, que o caráter de Roldão Mangueira enquanto guia religioso, foi sendo produzido aos poucos, numa reunião de diversos caracteres da personalidade, que no futuro o postularia como fundador e líder dos “Borboletas Azuis”.

Sem perder o prestígio que desfrutava antes, enquanto empresário bem sucedido do ramo algodoeiro. Roldão continua a sua missão de caridade, designada por São Francisco de Assis e Padre Cícero no espaço de caridade Jesus no Horto. Seu prelado fora tão importante que até os dias atuais, as remanescentes aguardam por um líder, que apresente as mesmas características de Roldão para assim dar continuidade à missão do grupo.

1.2 - Roldão e suas esvoaçantes “Borboletas Azuis”¹⁵.

Parafrazeando Carneiro (1995), *“Quando se encontrava no Rio de Janeiro costumava visitar centros espíritas, apesar de ele próprio dizer-se católico fervoroso”*. Fato que ocorrera com certa assiduidade, e isto não fora obra do acaso, mas sim, pelo motivo de que Roldão se identificava com os preceitos pregados pelo espiritismo kardecista.

Acontece, porém, que o kardecismo é doutrinariamente sincrético e, sobre essa base estrutural hinduísta, ganha destaque uma inspiração tirada dos Evangelhos: a ética da caridade. Jesus Cristo é visto como a maior entidade já encarnada, e Kardec considera seu maior mandamento, o amor ao próximo, a virtude suprema. Exige-se que tanto os vivos como os mortos respeitem esse mandamento. Isso explica o conhecido interesse que demonstram os espíritas por obras assistenciais, como asilos, albergues, orfanatos, hospitais etc. (GAARDER, 2005, p. 311).

Prontamente, Roldão se envolve com o kardecismo, e esta ligação com o espiritismo atribui-se à sua sensibilidade de espírito, por se tratar de um indivíduo sensível às manifestações divinas e humanas. Por esta razão, acreditamos que o líder dos “Borboletas Azuis” dispunha de mediunidade, e que esta, foi se desenvolvendo a partir da prática dos rituais do movimento.

Essa aproximação de Roldão com o espiritismo, fez com que este, ao receber do Pe. Cícero a incumbência de fundar um lugar de oração, logo se apropriasse de nomenclaturas próprias do espiritismo, como no caso da nomenclatura que deu ao espaço reservado para realizar as reuniões espirituais. O próprio nome da instituição apresenta os objetivos daquele lugar, como também, a ideologia religiosa a qual pertencia. Por se tratar de uma Casa de Caridade, tornava-se um marco da prática real da caridade, característica pungente das casas de caridade espíritas.

Para Araújo (2008), a *“Casa de Caridade Jesus no Horto – um estabelecimento considerado espírita e registrado como tal, que tinha como substrato a doutrina católica”*

¹⁵ Título extraído de artigo do jornalista Agnello Amorim, em sua coluna do Diário da Borborema de 09 de novembro de 1979.

(ARAÚJO, 2008, p. 48). Já em Novais e Ramalho (1990) o movimento “Borboletas Azuis” é apresentado como um grupo de praticantes de reuniões kardecistas. Assim, verificamos que em parte, Novais e Ramalho concordam com a transcrição de Araújo:

“[...] entre os anos de 1961 e 1978, ali se fazia ‘caridade’, curando os males do corpo e da alma de centenas de clientes e adeptos, através de expedientes do espiritismo (mesa, passes, correntes, aparelhos, médiuns) e a partir da atuação de tradicionais mediadores católicos: santos, santas, padres, freiras”. (NOVAIS; RAMALHO, 1990, p. 37).

No entanto Negrão (2001), nos afirma que o movimento praticava o espiritismo¹⁶, porém, não se enxergavam como praticantes do espiritismo kardecista, por não considerarem os principais preceitos do espiritismo.

[...] embora também tivesse adotado concepções espíritas, com sessões de incorporações e de curas espirituais, [...] não era kardecista, pois, fiel à igreja Católica, Roldão não aceitava as doutrinas da reencarnação e do karma. Os espíritos incorporados por ele e seus adeptos eram figuras reais ou míticas do catolicismo: freiras, padres, santos, Padre Cícero, o próprio menino Jesus. (NEGRÃO, 2001, p. 127).

Consoante Helena Diniz,

Quando seu Roldão, quando aqui era, não era uma igreja, era uma casa de caridade¹⁷, ele fazia a caridade, tinha a mesa de caridade¹⁸, tá entendendo?! Ele... e ele naquele tempo, ele tirava os espíritos das pessoas, eles viam e mostrava porque era que a pessoa estava doente, que não existe doença, que elas vem por meio do mal, dos mal, não digo o nome dele (Diabo), digo dos mal. Então... então ele mostrava.¹⁹

Não podemos afirmar definitivamente que em seu início os “Borboletas Azuis”, acreditavam nas doutrinas espíritas do karma²⁰ e da reencarnação²¹, ou/e se este tipo de ensinamento era passado aos adeptos por meio de seu líder.

¹⁶ Crença num mundo dos espíritos e na possibilidade de os vivos entrarem em contato com os espíritos dos mortos. Realizam-se sessões durante as quais são chamados os médiuns afirmam transmitir mensagens de um espírito. Fonte: O Livro das Religiões, Jostein Gaarder.

¹⁷ O espaço que antes era reconhecido como Casa de Caridade, atualmente é considerado uma igreja devido à inexistência da prática de alguns rituais que eram presididos pelos médiuns do movimento. As remanescentes não possuem esta característica, relataram que, Tereza vem desenvolvendo certa mediunidade.

¹⁸ A Mesa de Caridade encontra-se no interior do templo, no entanto não vem sendo utilizada por conta da inexistência de médiuns para presidir os rituais junto à mesa. Conhecida como a Mesa de Caridade, no qual pessoas eram libertas de doenças, crianças que haviam morrido sem batismo passavam a receber o batismo e tantas outras práticas.

¹⁹ Extraída da entrevista realizada no dia 12/10/2016.

²⁰ Doutrina que acredita que o que a pessoa experimenta nesta vida em termos de riqueza ou pobreza, alegria ou tristeza, saúde ou doença, é resultado de suas ações numa vida anterior. Fonte: O Livro das Religiões, Jostein Gaarder.

²¹ Acredita-se que depois da morte de um individuo sua alma renasce numa nova criatura vivente. Fonte: O Livro das Religiões, Jostein Gaarder.

Acreditamos que seu líder não os instruía a respeito dessas doutrinas por se tratarem de assuntos próprios do espiritismo, como bem nos instruí Gaarder (2005) “*O espiritismo kardecista consiste num sistema filosófico-religioso cujo eixo principal é a crença na reencarnação*” (GAARDER, 2005, p. 309). Porém, nos fica bem claro que por meio de leitura e observação de outros trabalhos acadêmicos, o grupo, em sua maioria, entendia serem seguidores de um catolicismo primitivo²².

O que sabemos com certeza é que logo após receberem a mensagem do Menino Jesus por meio da médium Luciene Diniz, imediatamente passaram a propagar a respeito da catástrofe que estava por vir, e que apenas os “Borboletas Azuis” e todos aqueles que quisessem juntar-se ao grupo, seriam salvos, e estes passariam a desfrutar de um novo mundo, - um mundo edênico. Princípios estes característicos de movimentos messiânico-milenaristas.

Os próprios adeptos se consideravam católicos, e unanimemente afirmam que a religião Católica é a verdadeira e única fé, porém, havia muitos elementos nas reuniões do grupo que estavam presentes nas reuniões espíritas de segmento kardecista, embora apresentasse um hibridismo entre o espiritismo kardecista, catolicismo popular e minúcias de religiosidade afro-brasileira²³, não se consideram híbridos²⁴, e sim, católicos.

Embora os adeptos nunca considerem as manifestações como espíritas kardecistas, o estilo das sessões que realizavam após a missa era deveras semelhantes a sessões espíritas kardecistas. O líder se posicionava na ponta de uma mesa branca, denominada mesa da comunhão, onde recebia o espírito do Pe. Cícero, que presidia a reunião. Se outro espírito fosse incorporado por outra pessoa na mesa, deveria se apresentar e esperar a sua vez para poder comunicar, e isto, com a permissão do Pe. Cícero. Não aconteciam manifestações que fossem fora da ordem e nenhuma sem que fosse à mesa, assentados. Não eram permitidas manifestações de dança, exaltação de voz, ou até mesmo posicionamento ereto ao discursar. (MANGUEIRA, 2014, págs. 131-132).

Roldão, por se tratar de um homem bastante conhecido pela sociedade campinense, enquanto empresário, e por estar sempre presente em reuniões de negócios, de organizações e de associações, entendemos que se tratava de uma pessoa notável na cidade de Campina Grande e também nas circunvizinhas.

²² Entenda-se por catolicismo primitivo, o catolicismo praticado e celebrado anterior ao Concílio do Vaticano II.

²³ Segundo Gaarder (2008, p. 308), as religiões de transe, como: o espiritismo kardecista, que se propaga entre as camadas médias urbanas e escolarizadas, e o conjunto multifacetado das religiões afro-brasileiras, são denominadas de religiões não cristãs.

²⁴ Representa uma mistura mais ampla de outros elementos culturais, incluindo relações entre religião e o contexto histórico, político, social e cultural. Extraído de MATA, 2010.

O que certamente explica duas informações sempre presentes em artigos, periódicos e impressos referentes ao grupo religioso. A primeira é que muitos nomearam a Casa de Caridade Jesus no Horto de “o centro espírita de Roldão”. O lugar não era simplesmente chamado de centro espírita, expressão comumente utilizada para designar os espaços de reuniões dos praticantes e curiosos do espiritismo, mas havia uma emergência em anunciar à quem pertencia aquele lugar, passando para aos que ouviam falar daquele lugar, de que não se tratava de um lugar como os demais, havia um diferencial, - o Senhor Roldão Mangueira.

Dessa forma, é válido citarmos Pierre Bourdieu (1989) quando diz que, “*o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem*”.

A segunda informação está relacionada ao número de adeptos que frequentavam a Casa de Caridade Jesus no Horto. Os dados nos apresentam um número de aproximadamente 700 frequentadores que buscavam ali respostas para as diversas situações da vida.

Foi veiculada para todo o território nacional pela Revista Manchete no dia 10 de novembro de 1979²⁵ que, “*A seita chegou a ter cerca de 700 adeptos mas com a profecia do próprio dilúvio, muitos se debandaram. Hoje a grei de Roldão se limita a 60 ou 70 pessoas, todas obedientes aos mandamentos emanados ‘do próprio Jesus’ [...].*” (BORBOLETAS AZUIS... 1979, p. 73), ainda concernente ao contingente do grupo, Araújo (2008) nos informa que o número chegou a 800 frequentadores.

De acordo com o depoimento de muitos remanescentes, assim como de familiares e amigos de Roldão Mangueira, líder espiritual dos “Borboletas Azuis”, a casa chegou a reunir no auge de sua popularidade (1º semestre de 1978), de 700 a 800 pessoas. Depois de algumas profecias recebidas por Luciene, muita gente teria abandonado o movimento. (ARAÚJO, 2008, p. 49).

O declínio desse número de adeptos acontece quando uma das adeptas, Luciene Diniz, passa a receber o espírito de Nossa Senhora e do Menino Jesus. As mensagens recebidas por Luciene tinham em sua maioria, um teor disciplinador. Essas mensagens continham modos de ser/fazer para os integrantes do grupo religioso. Com isso, muitos adeptos insatisfeitos e/ou por não aceitarem as imposições das mensagens, desistiram de seguir a Roldão. Outros concluíram que muitas das imposições eram abusivas e não tinham cunho religioso, não passando de ilusões de uma jovem médium inexperiente que ainda não conseguia discernir a

²⁵ Vide em anexo.

diferença existente entre o que pertencia ao mundo espiritual e o que era concernente ao mundo terreno. No entanto muitos desses preceitos são seguidos até os dias atuais pelos seus remanescentes.

Desde o dia em que entrei nessa casa, meu cabelo era bem cortadinho e bem redondinho, eu gostava muito de moda, só não vivia bêbada, mas se meu marido fosse numa festa eu bebia socialmente, [...] mas, quando eu vim pra essa casa, acabou tudo. Eu gostava de pintar minhas unhas, cortar meu cabelo, eu deixei de cortar meu cabelo, de mim pintar, deixei a vaidade do mundo, acabou pra mim, acabou. Eu pude viver melhor pra Deus do que pro mundo, o mundo pra mim acabou.²⁶

É válido informar que as mensagens recebidas e entregues por Luciene Diniz, eram em sua maioria, ordenanças que condenavam a vaidade. Essas imposições reforçava o controle do grupo por meio de ideias radicais, como o uso de trajes característicos, a proibição do uso de maquiagem e adornos, como o exemplo de brincos e colares. Essas medidas fortificavam os ideais e preceitos em favor da mortificação do corpo e valorização do espírito, características presente na maioria das expressões messiânicas.

Abstratamente enunciado, o objeto racional da religião de salvação consiste em assegurar um estado sagrado para os salvos e, com isso um hábito que assegure a salvação. Esse hábito substitui um estado agudo e excepcional, e consequentemente sagrado, ao qual se chega momentaneamente por meio de orgias, ascetismo ou contemplação. (WEBER, 2010, p. 54).

No caso dos “Borboletas Azuis”, para alcançar o sagrado, era imprescindível manter-se afastado de tudo aquilo que significasse e/ou os aproximasse como sendo parte do mundo. O caminho de iluminação deveria ser por meio da ascese, mortificando a carne. A adepta do movimento Maria Tereza prega energicamente que, para manter-se puro, é necessário mortificar a carne. A mesma ainda tem por costume andar pelas ruas de pés descalços, costume este deixado pelos adeptos do movimento desde os anos 1980, quando não aconteceu o dilúvio, afirmando ser um voto dela com Deus.

²⁶ Extraída da entrevista realizada no dia 12/10/2016.

2.0 – Casa de Caridade Jesus no Horto.

2.1 – Lar sagrado lar.

Após algumas entrevistas, Mangueira (2014), passa a interrogar seus depoentes a respeito da Casa de Caridade Jesus no Horto, que por fim conclui “[...] *Para ela, o solo do templo é sagrado e a Casa de Caridade Jesus no Horto é semelhante à Igreja de Cristo*”, e que “*o Templo dos ‘Borboletas Azuis’ é um local sagrado e deve ser preservado para que o Pe. Cícero continue a se comunicar com o grupo*”.(MANGUEIRA, 2014, págs. 90, 91).

Ao analisarmos as conclusões do autor acima, que por sua vez, são conclusões embasadas em entrevistas realizadas com as remanescentes, é perceptível de que o entendimento explícito nas falas acima, relacionadas ao que é sagrado/profano, apresenta reciprocidade com estudos de Mircea Eliade²⁷ a respeito de sagrado/profano, que em linhas gerais conceitua sagrado como algo que está separado e/ou consagrado, e profano é se não o contrário de sagrado, ou tudo o que está fora do espaço onde o sagrado se apresenta.

Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o *sagrado*, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade. (ELIADE, 2010, p. 164).

O templo dos “Borboletas Azuis” persiste ao tempo. Na atualidade, o local se encontra sob os cuidados de duas remanescentes: Helena Diniz e Maria Tereza. Para elas, aquele lugar é um refúgio, faz parte do sagrado de sua religião e precisa ser mantido, até que novamente, como elas mesmas acreditam, venha ser mais uma vez revisitado por um grande número de pessoas em busca de respostas para suas interrogações. Helena nos relata por meio de entrevista que um determinado adepto que se encontrava distante do movimento, estava retornando ao grupo e até participado das reuniões.

²⁷ Mircea Eliade (1907-1986) Filósofo romeno nascido em Bucareste, foi um dos mais influentes estudiosos da religião do século XX e um dos mais importantes intérpretes do simbolismo religioso e do mito. Tais definições apresentadas no texto concernentes à sagrado/profano foram desenvolvidas a partir da leitura do seu livro *O sagrado e O profano: a essência das religiões*. Livro integrante da coleção *Biblioteca do Pensamento Moderno*, organizada pela Editora Martins Fontes.

É Carlos²⁸, ele já foi daqui, mas ele, passou uns tempos afastados, mas ele está continuando junto com a gente. Ele mora em São José da Mata, agora ele tá vindo só no domingo, tá entendendo?!²⁹

Ainda hoje, as remanescentes Maria Tereza e Helena Diniz aguardam ansiosas por um líder, e este, acreditam elas, será semelhante ao seu líder e fundador, - Roldão Mangureira. Por entenderem que dentre os líderes que estiveram à frente do grupo religioso, apenas o fundador possuía capacidades mediúnicas não existentes nos outros médiuns e líderes. E ainda de acordo com Mangureira (2014), tendo como base as falas das remanescentes, nos certifica que “[...] ainda que França realizasse o rito, era distinto de Roldão, sua mediunidade era inferior”. (MANGUEIRA, 2014, p. 94).

Torna-se imprescindível afirmar que, além da crença no insurgir de um novo messias, há também a esperança no cumprimento da profecia que não aconteceu no dia 13 de maio de 1980, e no desfrute de um novo mundo livre de toda a tirania e injustiça presente no seio da humanidade nos dias atuais.

[...] somente homens com mediunidade forte e que consigam dedicar sua vida aos princípios deixados por Roldão se encontrariam aptos a assumir a liderança. Com Helena e Tereza repousa a esperança de que um líder masculino surja, preenchendo estes requisitos e trazendo a Casa de Caridade a um patamar superior ao período áureo, obtido com a presença vigorosa de Roldão e a iminência do dilúvio, que a exemplo do primeiro, não acontecido traria de volta a esperança de um milênio de paz e abundância. (MANGUEIRA, 2014, p. 140).

A esta atitude das remanescentes, como nos testifica Mangureira (2014), nas transcrições realizadas acima, podemos verificar que Roldão não havia reunido tal contingente à sua Casa de Caridade Jesus no Horto, se este não fosse possuidor de carisma. Característica comum a líderes políticos ou religiosos, e que, por sua vez não pode ser transferida, característica intrínseca de alguns indivíduos.

[...] Tanto o líder político quanto o líder religioso ou guerreiro autêntico, capazes de arrebanhar seguidores devido a suas qualidades excepcionais, devem ser caracterizados como carismáticos – ainda que o carisma religioso possa ser considerado primordial. Afinal, também em política se trata, em última análise, de ‘crença’. A ‘crença’, neste caso, é suscitada por uma qualidade estritamente pessoal (o carisma autêntico não é ‘de cargo’, não pode ser transferido), irracional em sua lógica de funcionamento e, normalmente, oposta à tradição. Buda, Jesus Cristo, Maomé, Savonarola,

²⁸ Carlos foi um dos demais adeptos que haviam deixado o movimento na década de 1980, pelo não cumprimento da profecia diluviana, e agora tem voltado a frequentar o movimento, não tem frequentado mais assiduamente devido a distancia entre sua residência e o templo.

²⁹ Extraída da entrevista realizada no dia 12/10/2016.

Lutero, Antonio Conselheiro, todos representam exemplos impressionantes das possibilidades do carisma religioso. (MATA, 2010, p. 100).

Os líderes que assumiram o grupo religioso após a morte de Roldão, respectivamente, Antônio França e José Alves não possuíam o mesmo carisma presente em seu líder fundador. Não eram pessoas influentes da sociedade campinense, como a exemplo de Roldão que antes de iniciar sua jornada como líder religioso, era homem influente.

Desde sua origem, o grupo religioso “Borboletas Azuis” foi composto por homens e mulheres de Campina Grande e de cidades circunvizinhas, que encontraram na Casa de Caridade um escape para os problemas sociais vigentes, tendo naquele espaço religioso acima de tudo, uma forma de esquecer as injustiças sociais às quais eram submetidos.

É válido citar que a realidade econômica em que o país se encontrava na década de 1960 não era a das melhores, como já citamos anteriormente, o principal produto exportador da cidade de Campina Grande, - o algodão, havia sofrido um declínio que ocasionou o fim de frentes de trabalho e renda.

2.2 – Na casa de meu pai “Roldão” há muitas moradas.

Os frequentadores da Casa de Caridade Jesus no Horto, em sua maioria eram pessoas simplórias, mas que detinham certos conhecimentos relacionados às atividades que desempenhavam em seu cotidiano.

Alguns moravam naquele lugar sagrado, estes, eram em geral os mais fervorosos seguidores de Roldão e os que geralmente não exerciam naquele momento nenhuma atividade remunerada. Porém, outros moravam com suas famílias, mães, pais e donas de casa, ou até mesmo comerciantes, dependiam do bom andamento de seus negócios para manterem suas famílias.

Havia também certo número de jovens entre os adeptos, que em parte eram responsáveis pelas peregrinações nas principais ruas da urbe campinense, que em geral, durante as procissões, andavam sempre à frente do grupo carregando relíquias sagradas, a exemplo do Crucifixo, símbolo que se associa não apenas à religiosidade católica, mas também ao cristianismo primitivo.

Segundo Negrão (2001), aquele grupo religioso era composto por pessoas oriundas da região rural, que ao migrar para a zona urbana tornaram-se pobres urbanos, ao contrário do

que fala Novaes; Ramalho (1990) que relata a composição do grupo da seguinte forma: “*os homens também são chefes de família, cumprem suas obrigações através de distintas formas de trabalho: dono de oficina, pedreiro, feirante, ferramenteiro, dono de caminhão, mecânico, operário aposentado [...]*.” (NOVAES; RAMALHO, 1990, p. 41).

No entanto, Manguiera (2014) expõe que existia certo número de pessoas envolvidas em atividades diversas, todavia entre eles haviam pouco mais de uma dezena que possuíam conhecimento de leitura e escrita, e em sua maioria não apresentavam grau de escolaridade.

Suas profissões constavam de pedreiros, ferramenteiros, padeiros, barbeiros, comerciantes de frutas e cereais, vigilantes, encanadores, carroceiros, verdureiros, tendo entre eles, somente dois motoristas. Além disso, dezesseis pessoas realizavam somente atividades domésticas e dezoito não especificaram sua área de atuação, demonstrando assim, que do montante de 67 pessoas que frequentavam a casa na época, somente 33 pessoas tinham ocupação, e mesmo assim, sem nenhuma especialização ou possibilidade de crescimento profissional e financeiro. (MANGUEIRA, 2014, p. 65).

Na ocasião em que a equipe de reportagem da Revista Manchete esteve na cidade de Campina Grande para acompanhar o cotidiano dos adeptos do grupo religioso, meses antes do grande dia do dilúvio, seguiram o tempo todo os “Borboletas Azuis” em suas atividades, e ao lermos a reportagem, observamos que os adeptos levavam uma vida normal. Não estavam apavorados, e apresentavam sempre um ar de tranquilidade.

No entanto, boa parte da população campinense, comparava os “Borboletas Azuis” de Roldão Manguiera com os adeptos do Templo do Povo, liderados por Jim Jones³⁰, e temiam que o fato ocorrido nos Estados Unidos, se repetisse na cidade de Campina Grande, com os “Borboletas Azuis”. Isso ocorre devido às semelhanças existentes entre os dois grupos religiosos, tais como: abandono dos bens materiais e a castidade entre os casais.

Mas há uma diferença básica: pregando a proximidade do dilúvio, Roldão e seus seguidores não desejam morrer, pelo contrário, ele se submetem às ordens ‘do próprio Jesus’ para salvarem a pele. Não é uma doutrina de morte, a sua. E, de fato, os integrantes da Casa de Caridade Jesus no Horto continuam com suas atividades normais. São pedreiros, marceneiros, encanadores, comerciantes e até fazendeiros que acreditam na proximidade dos tempos anunciados por Roldão. (BORBOLETAS AZUIS..., 1979, p. 74).

³⁰ Em 1978, o pastor norte-americano Jim Jones conduziu seus seguidores do “Templo do Povo”, situado em São Francisco (USA), para uma região remota da Guiana, onde fundaram um assentamento que chamaram de Jonestown. Ali eles se preparavam para o “grande dia”, que acreditavam estar próximo. Em novembro daquele ano, um senador americano e integrantes da mídia chegaram ao local em uma missão de averiguação de denúncias feitas sobre a seita de Jim Jones. Depois de emboscar a comitiva e assassinar praticamente todos os integrantes, Jones e seus seguidores tomaram ponche com cianureto, cometendo provavelmente o maior suicídio em massa da história. Cerca de novecentas pessoas morreram.

Enquanto alguns adeptos desfrutavam da convivência de seus familiares, havia também os que tinham rompido definitivamente com os seus familiares, deixando tudo e todos para trás, mudando-se para a Casa de Caridade Jesus no Horto.

Como melhores condições de vida não lhes foram cedidas, nem tampouco os anseios espirituais saciados, o grupo encontra na figura de Roldão Mangueira de Figueiredo, um profeta curandeiro, que realizava curas e milagres por meio de orações e incorporações do padre Cícero, um líder espiritual que respondia aos seus anseios. (MANGUEIRA, 2014, p. 64).

Os adeptos moradores da Casa de Caridade Jesus no Horto passavam os dias realizando atividades relacionadas à manutenção e limpeza daquele lugar, além de momentos de oração. Para os “Borboletas Azuis” o templo significa refúgio e segurança, mesmo que por alguns instantes, sentiam-se livres das injustiças do mundo.

É a ideia de que a santidade do Templo está ao abrigo de toda a corrupção terrestre, e isto pelo fato de que o projeto arquitetônico do Templo é a obra dos deuses, no céu. Os modelos transcendentais dos Templos gozam de uma existência espiritual, incorruptível, celeste. (ELIADE, 2010, p. 56).

Era o próprio Roldão que administrava aquele lugar, inclusive financeiramente, ele não recebia doações, e também não permitia o recebimento de doações por parte dos frequentadores da Casa de Caridade. Seja quem quer que fosse, em hipótese alguma deveria receber, - preceito até hoje seguido por Helena Diniz e Maria Tereza, pois nunca dependeram economicamente de outras pessoas, vivem unicamente de suas próprias rendas.

A Casa de Caridade Jesus no Horto era considerada lugar de refúgio desde os primórdios dos “Borboletas Azuis” e até os dias atuais. As guardiãs do templo, - Tereza e Helena tem mantido suas reuniões como se fazia antes. Porém, hoje, suas reuniões não possuem a mesma configuração de culto, limitando-se à realização de orações e cânticos, pois as últimas adeptas não possuem características mediúnicas, para presidir a Mesa de Caridade³¹.

Helena Diniz nos descreveu de forma minuciosa, - de cadernos em punho, como se procedem suas reuniões na atualidade,

A gente reza a força do credo, tá entendendo?! Depois que reza a força do credo, se reza o créi Deus pai, reza-se também o pai nosso, a ave Maria, isso só no domingo, no domingo. Aí rezamos os dez mandamentos da lei de Deus, rezamos o Eu pecador, são nossas orações aqui, rezamos a Salve

³¹ Se dispunham à Mesa de Caridade apenas no terceiro momento de suas reuniões, primeiro sentava-se os médiuns que iriam atender as pessoas respondendo às diversas questões. A reunião só teria seu fim quando não houvesse mais questionamentos.

Rainha, depois rezamos o Ofício de Nossa Senhora, [...] eu rezo a Ladainha de Nossa Senhora, aí volto aqui e rezo para os santos arcanjos, [...] rezo a Oração do Pai Eterno³², quando terminamos de rezar vamos para os bancos se sentar, cantar os hinos que são hinos antigos³³, hoje eu não tô com os cadernos³⁴ dos hinos comigo, por que hoje nós não ia cantar, [...] era a visita do sacramento, eu faço a visita na segunda, quarta e na sexta-feira. Na terça e na quinta-feira nós rezamos a novena de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. [...] quando terminamos de rezar vamos para os bancos e cada um canta os hinos de seus protetores, eu canto os dos meus, ela (Tereza) canta os dos dela e quando Carlos está aqui canta dos deles.³⁵

Outrora, as reuniões dos “Borboletas Azuis” eram compostas por três períodos onde, ao primeiro período estava reservado uma hora para as orações na posição de joelhos; no segundo entoava-se cânticos; e por último, os adeptos sentavam à mesa, no qual o líder incorporava o Padre Cícero e logo começava a responder os questionamentos das pessoas presentes.

Além dos descritos acima, existiam mais três rituais considerados como especiais,

Os “Borboletas Azuis” possuem três ritos especiais. Dois deles se destinam a descarregar as pessoas, ou seja, livrá-las das mazelas que o pecado provoca, enquanto o terceiro se destina ao batismo dos espíritos pagãos. O primeiro denomina-se Ofício da Limpeza, o segundo, Banho de Sereia e o terceiro, Batismo dos Pagãos. (CARNEIRO, 1995, p. 33).

Porém, a exemplo de outros grupos religiosos, os “Borboletas Azuis” possuíam um estatuto que deveriam ser seguidos à risca, e de acordo com Carneiro (1995) “*chamado também de catecismo por alguns. Trata-se de um feixe de princípios deixados pelo fundador*”. São eles: Não comer carne de animais, não praticar esportes, não usar vestes de cores berrantes, não consultar o médico, não fazer sexo antes do matrimônio, não transformar o templo num comércio de curas, não aderir ao modernismo, cobrir o corpo inteiro, andar com os pés descalços, e ouvir e respeitar os espíritos de luz.

A partir da leitura dessa lista de preceitos, passamos a entender melhor os rituais dentro do movimento religioso, isso requereu de nós uma maior atenção com relação às perguntas que seriam basilares para nossa pesquisa. Percebemos que em determinado momento, Helena nos relata que, ao trajar as vestes característica do movimento pela primeira

³² Vide em anexo. Oração de autoria do movimento.

³³ Esse tempo proferido por Helena Diniz corresponde aos hinos cantados nas igrejas católicas, antes do Concílio do Vaticano II.

³⁴ As adeptas nos mostraram alguns cadernos com orações que fazem parte da liturgia da igreja católica e alguns que são de autoria do próprio grupo, a exemplo da Oração do Pai Eterno (em anexo). Num total de 36 orações sendo 8 próprios e 28 orações católicas, possuem 52 hinos católicos, dentre esses 52, apenas dois são de autoria própria. Extraído de CARNEIRO (1995).

³⁵ Extraída da entrevista colhida em 12/10/2016.

vez, sentiu uma grande alegria e que, ao entrar no movimento era muito doente, no entanto tomou a decisão de jogar fora todos os seus medicamentos e afirmava não precisar de nenhum deles.

Ainda relacionado aos rituais e cerimônias deste grupo, o que nos chamou atenção, foi justamente a separação entre homens e mulheres, cada grupo se concentrava em um lado do templo, e da mesma forma, quando se executavam as práticas junto à Mesa de Caridade, homens se posicionavam de um lado e mulheres do outro.

2.3 – De Casa de Caridade Jesus no Horto à Arca dos Borboletas Azuis: Trajetória de um Apocalipse.

A divulgação da mensagem enviada pelo espírito do menino Jesus, e recebida pela médium Luciane Diniz, que dava conta de que no dia 13 de maio de 1980 aconteceria o princípio de um Apocalipse, e que este tinha como objetivo acabar com a humanidade, salvo aqueles que se encontrasse reunidos na Casa de Caridade Jesus no Horto, provocou na imprensa um repentino interesse por aquele grupo religioso.

A população campinense parecia não dar muito ouvidos para aquelas pessoas que andavam pelas ruas da cidade admoestando os passantes, mesmo porque para muitos cidadãos, aquele povo que andava de pés descalços e trajando vestes semelhantes às utilizadas pelos cristãos da igreja primitiva, não passavam de fanáticos ou loucos. Porém, para outros cidadãos, eram vistos como charlatões, que queria na verdade, aplicar um golpe nas pessoas mais humildes através de subterfúgios religiosos.

O que sabemos de fato é que a imprensa local viu nas manifestações públicas do grupo, a possibilidade de crescimento na venda de suas edições, pois, quase que semanalmente, aquele grupo era tema das reportagens de capa dos jornais locais. Logo, motivados em parte pela curiosidade, e em parte pela certeza de venda do periódico, o fato é que, até a imprensa nacional e internacional, seguiram o exemplo da imprensa local e passaram ser a sombra daquele grupo.

Nos dias que antecederam o suposto dilúvio, a Casa de Caridade Jesus no Horto fora vista e até mesmo representada no imaginário, tanto dos adeptos, quanto da população em geral como sendo a arca de Noé do século XX. Isto concluía-se por meio das notícias que circulavam pela cidade por meio da imprensa local, como podemos ver no trecho de uma

reportagem do Diário da Borborema, intitulada: “Borboletas Azuis armazenam comida para o grande dilúvio”.

Arroz, feijão, açúcar, sal e farinha são alguns alimentos que estão sendo armazenados em um galpão do Centro construído há pouco menos de um ano, especificamente para esse fim. Os adeptos orientados que foram pelo líder da seita, procuram negar que estão assim procedendo, mas foi, um dos mais convictos seguidores do Sr. Roldão Mangueira, - Antonio José – que revelou ao DB, depois de uma certa insistência, a existência dessa reserva de ração para o anunciado dilúvio do dia 13 próximo. (BORBOLETAS AZUIS ARMAZENAM... 1980, p. 8).

O Diário da Borborema noticiava quase que diariamente fatos referentes ao grupo e isto aconteceu desde a divulgação da mensagem abaixo.

A Casa de Caridade Jesus no Horto tem a honra de avisar à humanidade em geral que no mês de maio de 1980 haverá um dilúvio como no tempo de Noé e serão 120 dias de chuvas. Este aviso e comunicado é feito pelo próprio Jesus, por meio de seus da Casa de Caridade Jesus no Horto. O próprio Jesus afirma: se quiserem ver se é verdade ou não, venham à minha casa de caridade. A Santa Casa de meu pai. Lá não é como os bispos e padres pensam e andam fazendo criticas de seu próprio Pai do Céu e seus Servos da Terra. Um dia serão criticados por causa dos seus próprios pecados. Pois também só escaparam aqueles que realmente fizeram o que EU peço e se forem realmente católicos e rezarem o Rosário de Maria Santíssima e terem sempre ele (rosário) consigo: as mulheres devem andar vestidas da cabeça aos pés como se veste Maria Santíssima e os homens de timão como os apóstolos de Jesus. O próprio Jesus afirma: só ficarão na Terra as Igrejas, nem todas. Conventos, os animais, as árvores, as aves, a Casa de Caridade Jesus no Horto, e o povo que quer ser d’Ele. A Casa de Caridade Jesus no Horto está situada na cidade de Campina Grande, PB, à rua Santa Rita, nº 31, Bairro do 40. Nada mais, agradece a Casa de Caridade Jesus no Horto. C. Grande, 9 de junho de 1978. A Diretoria³⁶. (NOVAES; RAMALHO, 1990, p. 38)³⁷.

Na descrição do apocalipse pregado pelos “Borboletas Azuis”, o que coincidia com os demais discursos apocalípticos existentes no seio de outras seitas era o desejo de restauração e restituição da ordem mundial; um cataclismo que viria sob a humanidade como corretivo de Deus. Neste caso, um segundo dilúvio com duração de 120 dias; e características do dualismo.

Percebemos a ausência de alguns elementos existentes no discurso do apocalipse judaico e cristão, como: as pragas, um messias salvador e a figura do anticristo e seu governo. Como podemos verificar, a citação traz um arcabouço de características presentes em outras descrições de apocalipse ao longo da história:

³⁶ Foram distribuídos 10 mil panfletos pela cidade Campina Grande, contendo esta mensagem endereçada para toda a humanidade.

³⁷ Vide em anexo.

As crenças no final dos tempos, nos pretendentes messiânicos e nas viagens e revelações celestiais seguiram ecoando nos mais diferentes grupos religiosos, na produção de artistas visionários e na cultura popular na criação de utopias escatológicas. O mundo medieval, em especial, foi pautado pela expectativa da vinda do milênio, antecedida do anticristo e de suas ameaças. Em momentos cruciais história, como na virada do ano mil, por exemplo, aumentaram as especulações de que o fim estava chegando. Estas esperanças se manifestavam de diferentes formas, muitas vezes acompanhadas de simbologia bizarra e de práticas fanáticas. Em situações de extrema opressão e alienação comunidades inteiras revisitaram o Apocalipse e reavivaram a seu modo sua forma dualista de entender o mundo: a ideia da vida em sofrimento como um martírio e a esperança na transformação radical de todas as coisas. (NOGUEIRA 2008, p. 107-108).

Em entrevista ao Diário da Borborema, o Pastor Fernando Soares Albernaz apresenta alguns aspectos que segundo ele, provam que as previsões do grupo milenarista não tem fundamento, e, em seu discurso faz uso da Bíblia como referencial:

Não há fundamento bíblico na profecia dos Borboletas Azuis, visto que a bíblia declara que o mundo não será destruído em água, mas com fogo, portanto apelamos para os adeptos daquela seita que voltem para Cristo e sua palavra, [...] pois a bíblia fala no fim do mundo; isto é, na segunda vinda de Jesus Cristo. (PASTOR DIZ QUE..., 1980, p. 14).

Concernente ao discurso dos adeptos do grupo religioso, sempre que indagados de como aconteceria o dilúvio de 120 dias, entre os vários relatos descritos e estampados nas primeiras paginas do jornal, o adepto Antônio José da Silva, traz um relato fantasioso e cheio de elementos que, claramente, tinham como função e objetivo amedrontar a população, o que lhe rendeu a primeira página do jornal na edição do dia 07 de maio de 1980 com o seguinte título: BORBOLETA AZUL EXPLICA COMO SERÁ O DILÚVIO, onde relatou que: *“O sol vai girar três vezes consecutivas e haverá um trovão tão enorme que, na história da humanidade, só aconteceu no dia em Jesus Cristo foi assassinado.”* (BORBOLETA AZUL EXPLICA..., 1980, p. 8).

A mídia impressa, já a algum tempo, vinha acompanhando o grupo messiânico-milenarista, mas a divulgação da mensagem de Jesus para toda a humanidade, fez com que os mais diversos veículos de comunicação voltassem os olhares para a cidade de Campina Grande, mais precisamente para o grupo religioso Borboletas Azuis, que a partir deste momento, havia incorporado aos seus rituais, peregrinações e que haveriam de ser realizadas com os pés descalços.

Este fato das peregrinações, segundo as adeptas, eram realizadas em direção à outras cidades circunvizinhas de Campina Grande. Estas caminhadas deveriam ser realizadas não

nas sextas-feiras como citado anteriormente, mas sim, durante 13 meses com os pés descalços e sempre nos dias treze de cada mês.

Geralmente, antes de iniciar suas peregrinações o grupo se reunia em um ponto estratégico, e isto acontecia às margens do Açude Velho³⁸. E foi justamente às margens desse cartão postal que aconteceu um dos fatos que mais intriga a população campinense, no tocante aos Borboletas Azuis. Muito já se falou a respeito da história em que Roldão Mangueira em uma de suas peregrinações nas proximidades do Açude Velho teria afirmado que atravessaria o açude andando por sobre as águas, como teria feito Jesus Cristo³⁹ no passado.

Adeptas nos relataram que havia no movimento um padre, que após ouvir uma das pregações de Roldão, chegou a comentar com representantes da imprensa e da mídia o fato de que Roldão pretendia, juntamente com os seus seguidores, atravessar o Açude Velho.

Fato é que por conta da propagação deste boato, por algumas vezes, adeptos do movimento de Roldão sofreram agressões físicas por parte de populares, resultando em típicos casos de intolerância religiosa, restando às autoridades policiais cuidar da integridade física do fundador do movimento, mesmo assim tanto Roldão quanto seus adeptos foram vítimas inúmeras vezes de violência física e verbal.

Atualmente, por relatos de Helena e familiares de Roldão, sabemos que isso não passou de boatos, mas que fora reproduzido nas páginas dos jornais citadinos da época. Como podemos ver, a chamada trazia a seguinte frase: POPULARES ESPANCARAM ROLDÃO E SEUS ADEPTOS, reportagem veiculada pelo Diário da Borborema da edição do dia 26 de junho de 1979.

A reportagem explica que isso aconteceu por conta de uma fala de Roldão Mangueira, no qual o líder afirmara que atravessaria o Açude Velho por cima de suas águas, fazendo uma referência ao episódio bíblico em que Jesus anda sobre as águas. Relato descrito nos quatro evangelhos do Novo Testamento⁴⁰.

A reação da população foi imediata, retrucando a ação de Roldão. Discerniram que tanto suas palavras, quanto às atitudes daquele grupo religioso, não passavam de heresias ainda mais agravantes por se tratarem de atitudes extremas de violação das normas de

³⁸ Antigo reservatório de água que abastecia a cidade, atualmente um dos principais cartões postais de Campina Grande.

³⁹ Vide texto nos seguintes Evangelhos: Mateus 14.22-36, Marcos 6.45-46, e João 6.15-21.

⁴⁰ Vide texto nos seguintes Evangelhos: Mateus 14.22-36, Marcos 6.45-46, e João 6.15-21.

condutas e dos bons costumes da provinciana cidade de Campina Grande, além do escarnio religioso por se tratar de uma cidade, que na presente data era totalmente católica.

No entanto, Roldão Mangueira, fazendo uso de seu direito de resposta, afirmara que tudo não passara de um engano, e que jamais cometeria tal atitude por entender de que nunca seria capaz de igualar-se a Jesus Cristo.

Este não teria sido o único episódio de intolerância e de violência envolvendo adeptos dos “Borboletas Azuis” e populares da cidade Campina Grande. Tais fatos passaram a ocorrer com mais frequência à medida em que ia se aproximando o dia do fatídico dilúvio.

Alguns jornais, a exemplo do Diário da Borborema, noticiou alguns episódios do cotidiano dos “Borboletas Azuis”, inclusive notícias de agressões e intolerância religiosa cometidas por parte dos integrantes do grupo religioso, pois, à medida em que se aproximava o dia 13 de maio de 1980, os ânimos ficavam mais exaltados.

Indignado por que sua mulher Maria Aparecida Alves Almeida que não quis seguir o destino de toda a família entrando para a seita dos Borboletas Azuis e dessa forma, escapar do dilúvio do próximo dia 13. O adepto de Roldão Mangueira, Carlos Alberto Almeida, residente na rua Almirante Barroso 1666, Cruzeiro, acabou lhe agredindo, e conseqüentemente, foi denunciado e preso pelo Delegado de Costumes – bacharel Pedro Medeiros. (ADEPTO DE ROLDÃO... 1980, p.8).

Tudo que era escrito relacionados aos “Borboletas Azuis”, logo era absorvido pelos leitores. Tais ações ocorriam principalmente pelo fato do grupo causar nas outras pessoas, um sentimento de estranheza. Isto acontecia tanto com relação às suas práticas religiosas, - por se tratar de um grupo híbrido, e por em seu seio, existir uma bricolagem⁴¹ entre as práticas do espiritismo com as do catolicismo; quanto pelos seus trajes (usavam túnicas e mantos de cores azul e branco), e também com relação às suas condutas morais.

O não cumprimento da profecia fez com que o movimento perdesse gradualmente os seus adeptos, chegando ao número de apenas 20 pessoas e Antonio de França assume a liderança do grupo. Roldão Mangueira, que desde o segundo semestre de 1979 havia se ausentado da liderança do grupo devido ao seu estado de saúde, encontrando-se bastante debilitado, e seguindo conselhos médicos, volta a residir com seus familiares, chegando a falecer após algum tempo.

⁴¹ Por bricolagem entendemos a utilização “outra” de elementos postos num sistema através de mil “astúcias” dos sujeitos (CERTEAU, 2002).

Depois, foi o próprio Roldão Mangueira que, doente e preso ao leito, passou a ser rigorosamente controlado pela família, ficando impossibilitado de prosseguir no seu papel de mediador entre os seus liderados e um público que agora os temia e rejeitava. [...] Em junho do mesmo ano morreu Roldão, e os remanescentes elegeram o senhor Antonio França como presidente da Associação e dona Helena, mãe de Luciene, como tesoureira. (NOVAES; RAMALHO, 1990, págs. 39-40).

Antonio de França permanece na liderança do grupo até o início da década de 1990, quando, por motivos de saúde, decide deixar o movimento. Assim, após algumas mudanças surge pela primeira vez uma liderança feminina, que persiste até os dias atuais, - Helena, e ao seu lado Tereza, tendo como principal função, manter o espaço funcionando até que surja um líder que, aos moldes de Roldão Mangueira, fará daquele lugar que hoje se encontra vazio, o principal meio de ligação deste mundo com o eterno.

3.0 – O papel das mulheres no movimento religioso “Borboletas Azuis”.

3.1 – Luciene Diniz: A profetisa dos “Borboletas Azuis”.

A história de Luciene dentro do grupo religioso inicia-se a partir do momento que a mesma conhece a Casa de Caridade. Luciene havia sofrido um acidente automobilístico, sendo ela a única sobrevivente, e por estar passando por tormentos causados pelo espírito de um de seus tios. Ao chegar, na Casa de Caridade Jesus no Horto, durante a reunião, ela recebe por meio de Roldão a libertação do espírito que a afligia.

Eu vi parar aqui no dia 13 de novembro de 1976, eu vim parar nessa casa já trazida por outras pessoas aí tratei dela (Luciene) era ela que estava precisando de tratamento, tratei dela, [...] Aí seu Roldão disse que ela tinha que ficar aqui para se desenvolver (mediunidade) porque ela iria ser uma freira, e que Deus ia mostrar muito exemplo para a humanidade, ia ser um assombro da humanidade, ela... Tudo bem aqui! Foi muito trabalho para desenvolver pra tirar os mal que estava com ela.⁴²

Luciene Diniz e sua mãe, D. Helena, eram frequentadoras assíduas. Sem medo de errar podemos afirmar que dentre os adeptos daquele grupo religioso, elas eram, sem deixar qualquer dúvida, as mais fervorosas. Estavam sempre empenhadas nos trabalhos cotidianos daquele lugar, fossem os trabalhos internos, e/ou até mesmo litúrgicos, ou fossem trabalhos externos como a exemplo das peregrinações realizadas pelo grupo, onde em muitos flagrantes fotográficos realizados pela imprensa, podemos observar Luciene sempre à frente nas

⁴² Fala extraída da entrevista realizada no dia 12/10/2016.

peregrinações, deixando transparecer que era ela quem dava o compasso e ritmo, para os demais peregrinos.

A trajetória de Luciene dentro do movimento dos “Borboletas Azuis”, foi de suma importância para o grupo, pois, era por meio dela que o Menino Jesus e Nossa Senhora, passaram a manifestar-se nas reuniões dos Borboletas Azuis.

Luciene conseguiu superar Roldão, mesmo não obtendo o cargo de líder. Seu poder simbólico estava na sua castidade, chegando a comparada pelos adeptos com Maria a mãe de Jesus por sua pureza tendo seu filho mesmo sendo virgem. Para os “Borboletas Azuis” a virgindade dela lhe imbuía de grande poder.

Apesar de Luciene Diniz nunca ter ocupado um lugar de liderança dentro do grupo, os adeptos, em sua maioria a consideravam uma líder, e esta, era possuidora de poder, ao contrário de sua mãe Helena Diniz, que sequer demonstrava possuir dons mediúnicos. No entanto, Helena foi uma peça-chave dentro do movimento, e até mesmo, podemos afirmar que ela foi fundamental para o movimento.

Além de ser uma jovem, dócil e de aparência sensível, Luciene dizia-se ser a única a incorporar os espíritos do Menino Jesus e de Maria mãe de Jesus, e que no decorrer da escrita deste capítulo, irei tratar tal como os católicos, seguidores do movimento a chamavam, - Nossa Senhora, Luciene, assume espontaneamente o papel do sagrado feminino dentro do movimento em estudo.

Acreditamos que Luciene se apresentava como o sagrado feminino dentro do movimento devido a alguns aspectos, como: havia sido separada para ser a freira do movimento e conseqüentemente estava consagrada para Deus, não se casaria e permaneceria virgem, pois lhe estava reservado o casamento com Cristo com o advento do chamado Dia do Senhor, comprometida a viver o carisma do celibato.

Essa consagração de Luciene enquanto freira do movimento juntamente com a sua missão de porta-voz de Maria, - mãe de Deus, pode ser comparada à primeira consagração feminina enaltecida no cristianismo. Por ter dado à luz ao filho de Deus, sem ao menos ter sido desposada, Maria veio consolidar o lugar sagrado ocupado por Luciane, exercendo assim um poder simbólico sobre os demais adeptos do movimento, e até mesmo sobre a liderança, que na ocasião, ainda estava sob a tutela de Roldão Manguieira.

Não encontramos evidências de que Luciene e/ou outras mulheres tenham presidido os momentos de cerimônias naquele lugar, salvo quando os líderes Roldão Mangureira e Antonio de França já não estavam mais frequentando o ambiente religioso, quando na ocasião coube a D. Helena assumir a liderança dos “Borboletas Azuis”. Porém, neste momento, o número de adeptos já era bastante reduzido.

Na verdade, os “Borboletas Azuis” fora um grupo que desde sua gênese, possuía fortes características do catolicismo, principalmente no tocante a organização hierárquica. Os “Borboletas Azuis” é um grupo religioso de característica patriarcalista, tendo a figura masculina como a única capaz de deter em suas mãos todo o poder, neste caso, na tutela de Roldão Mangureira, e posteriormente nas de Antonio de França.

Embora na atualidade, a principal responsável pelo movimento seja uma mulher, - Helena Diniz, não permite ser chamada de líder. Ela própria afirma de si mesma ser apenas uma simples guardiã ainda à espera de sua “missão”, que lhe será dada por Deus. O fato reforça ainda mais a tese de que o fosso entre homens e mulheres no campo religioso, torna-se mais profundo no seio dos monoteísmos.

O lugar da mulher nos mais diversificados grupos religiosos existentes no mundo é visivelmente que sofrem com a exclusão, sendo impedidas de assumir posições de destaque dentro dos cultos e das hierarquias sacerdotais, refletindo assim, na construção da concepção errônea, mas ainda vigente em nossa sociedade, de que as mulheres são inferiores aos homens.

A atuação de Luciene no movimento tem início logo que essa adere ao movimento, após desenvolver sua mediunidade. Seguindo os conselhos de Roldão, começa a receber os espíritos do menino Jesus, de Maria – a mãe Deus e do Padre Cícero. Luciene também aconselhava pessoas quando estas a procuravam junto à Mesa de Caridade, para questionar seus espíritos-guia com relação aos anseios da vida.

A jovem Luciene estava sempre em companhia de sua mãe Helena. O cuidado excessivo que esta tinha por sua filha, não era simplesmente por Luciene ser ainda muito jovem, mas sim em decorrência de uma profecia recebida do Padre Cícero, por intermédio do líder Roldão Mangureira, revelando que Luciene seria uma freira do movimento, e ainda se tornaria um exemplo para a humanidade, como descrito anteriormente.

Temos a partir desse ponto o surgimento da Luciene como ser sagrado do grupo religioso. De acordo com Manguiera (2014), hierarquicamente, Luciene incorporava ícones católicos superiores, aos que o líder Roldão Manguiera e outros médiuns incorporavam, atribuindo assim, às mensagens recebidas pela médium, um grau de importância maior. Muitas das mensagens recebidas por ela foram capazes de mudar o jeito de ser/fazer do grupo religioso. Aqueles que não aceitavam as imposições de cunho moral presentes nas revelações recebidas por ela chegavam ao ponto de abandonar o movimento, o que sucedeu a muitos seguidores.

Concernente a isto, Manguiera (2014) conclui que por conta das mensagens recebidas por Luciene, os “Borboletas Azuis” passavam por um processo de ressignificação, causando desde mudanças internas no grupo, até mesmo a apostasia por parte de alguns.

Luciene começa a incorporar representações que simbolizam o filho do próprio Deus do cristianismo e sua mãe, que são reconhecidos como as figuras mais poderosas do ideário popular. Com as revelações psicofônicas proféticas representando estes ícones, ela insere novos ritos e perspectivas de mudança por meio de novas experiências religiosas, reinventando o movimento. (MANGUEIRA, 2014, p. 167).

As revelações recebidas por Luciene foram capazes de causar mudanças incisivas no seio do movimento, como a exemplo da revelação na qual os adeptos do grupo deveriam trajar-se com hábitos semelhantes aos utilizados pelos apóstolos de Cristo, passando a exprimir com mais veemência o anseio de voltar ao estado do cristianismo primitivo, ideologia presente desde o início dos “Borboletas Azuis”, quando seu líder rompe com o catolicismo decorrente da mudanças propostas pelo Concílio do Vaticano II.

Segundo Negrão (apud MANGUEIRA, 2014, p.41), “[...] *Luciene repetiu a profecia e as demais ordens divinas: todos os adeptos deveriam vestir-se com roupagens religiosas, as mulheres como Nossa Senhora e os homens como os apóstolos, nas cores branca e azul*”. A citação nos deixa claro que os adeptos resistiram, até que se pusesse em prática a ordem dada pelo espírito de Jesus por intermédio da profetisa Luciene Diniz. O fato é que o grupo religioso somente passa a ficar conhecido popularmente pela alcunha de “Borboletas Azuis” a partir deste momento, pois iriam agora, abdicar do uso das vestimentas tradicionais da época para usar cotidianamente os seus timões, causando estranheza naqueles que o avistavam por não conseguirem identificar a que irmandade religiosa aquele grupo pertenceria, salvo alguns mais atentos e entendidos do assunto.

Dentre as mensagens recebidas por Luciene, havia muitas que condenavam os usos e costumes da época, tais como: as mulheres não deveriam pintar as unhas, nem cortar os cabelos e tão pouco usar calças compridas. Para aqueles que não cumprissem com essas ordens, seria inclusive proibido adentrar os limites da Casa de Caridade Jesus no Horto.

Sem sombra alguma de dúvida, a revelação recebida por Luciene que mais repercutiu fora a profecia do fim do mundo, marcada para o dia 13 de maio de 1980. Esta informação a priori, propagada pela imprensa local, foi inclusive noticiada em outros países.

Segundo Manguiera (2014), Luciene não tinha apenas a função de receber as mensagens do Menino Jesus ou de Nossa Senhora, mas também realizava sessões/trabalhos na mesa de caridade, até mesmo libertando espíritos de crianças pagãs⁴³.

Com relação à profecia do dilúvio, nos parece que o seu objetivo de admoestar a sociedade da época a voltar-se para os caminhos de Deus não alcançou o resultado esperado, ao ponto de a própria médium ter abdicado do movimento, tendo fugido inclusive com um dos adeptos para contrair matrimônio. Assim, em linhas gerais, de acordo com Eliade, o sagrado é algo que se vive, embora onde observamos oposição, deveríamos ter a perspectiva de continuidade. Não obstante, prontamente, a imprensa local registra o fato que levou o grupo religioso a cair no descrédito. Neste período havia um número de aproximadamente 70 a 80 pessoas, com a não concretização do dilúvio e a saída de Luciene,, o número de adeptos cai para 15 pessoas.

Assim noticiava o Diário da Borborema (1979), *“Aproveitando uma ocasião em que nenhum familiar encontrava-se por perto, a “irmã” no último domingo à tarde, despiu-se do timão e fugiu com Breno para a Capital do Estado, em carro particular, para abandonar a seita e casar com o namorado”*. (LUCIENE FOGÉ... 1979, p. 1).

A partir do momento em que Luciene se despiu das vestimentas habituais do grupo religioso, abdica de seu lugar de destaque de profetisa do movimento. Sem as orientações recebidas dela por meio do espírito de Nossa Senhora e do Menino Jesus, Luciene deixa o grupo sem a proteção dos dois principais ícones venerados por católicos do mundo inteiro.

Além disso, Luciene ao tomar a decisão de casar-se deixava o grupo sem os principais médiuns, pois dias atrás o grupo havia perdido seu líder-fundador e porta-voz das mensagens

⁴³ Qualificação utilizada pelo catolicismo Romano para designar aquelas pessoas que morreram sem receber os sacramentos.

de Padre Cícero, Santo Antonio e São Francisco. No momento em que Luciene abdica de sua “missão” e do manto de freira do movimento, o grupo perde um dos seus mais expoentes símbolo sagrado.

Em sua maioria, as religiões são marcadas pela presença masculina possuidora do poder de decisão, com isso os lugares secundários estavam reservados para as mulheres. Na antiguidade, as mulheres ocupavam o lugar de guardiãs dos templos e consagravam suas vidas aos deuses. As sacerdotisas eram muito respeitadas e temidas por acreditarem que estas, possuíam poderes biológicos, cedidos pelos deuses e deusas por meio da abstinência sexual. Havia um grande arquétipo de deusas nas diversas sociedades da antiguidade.

As notícias referentes à Luciene ganhavam cotidianamente, desde pequenas chamadas na primeira página até mesmo páginas inteiras relatando o lamentável episódio, tido para muitos adeptos do grupo religioso com um verdadeiro golpe contra os “Borboletas Azuis”.

O incidente foi parar na delegacia, e Luciene foi obrigada a voltar para casa e a frequentar novamente a Casa de Caridade Jesus no Horto, porém, a mesma não permaneceu por muito tempo frequentando o lugar, pois por não possuir idade para contrair matrimônio. Esta necessitava da permissão de seus pais. Seu pai, que no momento do incidente se encontrava viajando à trabalho, logo que chegou, providenciou que sua filha se casasse. Tudo isso, tudo à contragosto de D. Helena.

No dia do casamento de Luciene e Breno, foi registrado pela imprensa local. Sua mãe, não estava em concordância com a atitude de sua filha, por entender que a mesma estava agindo sob influência de forças do mal. Por esse motivo, não compareceu ao cartório, preferindo estar em outro lugar do que presenciar tal evento, como podemos ver abaixo:

Casou-se ontem no 2º Cartório desta cidade, a jovem Luciene Fernandes Diniz, **ex-orientadora** da seita dos “Borboletas Azuis” [...]. O juiz Felizardo Toscano Neto oficializou o casamento de Luciene e Breno Silva [...]. Mesmo tendo assinado a autorização para o casamento, a mãe de Luciene Fernandes não compareceu ao cartório no momento do evento, numa atitude de protesto contra o que considera uma **“obra do diabo”**. (“BORBOLETA” QUE..., 1979, p. 8). Grifos meus.

Como antes colocado, Luciene era parte do sagrado dos “Borboletas Azuis”. Este lugar de destaque lhe fora atribuído pelos seguintes motivos: 1) única sobrevivente de um acidente automobilístico, 2) havia sido separada para ser a freira do movimento, 3) recebia revelações do Menino Jesus e de Maria, 4) libertava os espíritos de crianças pagãs, 5) foi

principal propagadora da profecia do final dos tempos, 6) além de estar sempre à frente das procissões em posição de destaque.

A mediunidade dela era muito elevada, era muito, muito, muito. Olhe seu Roldão confiava muito nela, eu também confiava, aqui todo mundo gostava, porque o menino Jesus falou nela (incorporação), falou nela muito tempo, mas quando ela mudou o pensamento ele também se retirou.⁴⁴

Levando em consideração a fala de Helena, que corrobora com os conceitos de Eliade⁴⁵, podemos concluir que Luciene, ao renegar o caminho que havia seguido anteriormente, perde o que chamamos de *hierofani*, como podemos observar nos grifos: “**ex-orientadora**” e “**obra do diabo**”. Assim, o sagrado não mais se manifesta por meio dela, tornando-se ela, o profano, por estar agora fora do projeto de redenção dos “Borboletas Azuis”.

Quando foi no tempo que foi anunciado o dilúvio, em 13 de maio de 1980, foi anunciado e ia haver, ia haver, mas começou seu Roldão que era o chefe da casa adoeceu, teve de tirar ele daqui. A família tirou. Ela (Luciene) apareceu um rapaz que também vivia aqui sabe?! [...] achou de enganar ela e de tirar ela daqui, aí tirou. [...] Ela disse que ia casar era uma decisão. [...] Todo mundo se preparou para o dia 13. [...] Mas não houve o dilúvio porque não tinha condições de haver, porque não tinha condições que os principais era eles dois e eles tinham caído né?! [...] Tinha muita gente falsa aqui dentro, até se preparando pra casar de novo.⁴⁶

O depoimento de Helena sanciona a teoria e a definição de sagrado e profano nos escritos de Mircea Eliade. Segundo ela, o dilúvio não aconteceu devido ao afastamento de Roldão e de Luciene, principais profetas/médiuns do movimento, e isto se deu por conta respectivamente, da fragilidade da sua saúde do líder, e do abandono do movimento por parte da profetisa, que abdicou do lugar que ocupara no grupo, gerando um enfraquecimento do movimento religioso.

3.2 – Guardiães do Templo: o papel das remanescentes dos “Borboletas Azuis”.

No geral, as mulheres embora não ocupem cargos de grande relevância, na maioria das religiões ocidentais, desenvolvem um papel preponderante na função de auxiliaadoras e cuidadoras do lugar público, envolvidas nas tarefas cotidianas de limpeza e manutenção dos ambientes e utensílios sagrados dispostos pelos templos. Além de preservarem com mais

⁴⁴ Extraída da entrevista realizada em 12/10/2016.

⁴⁵ Eliade, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. 3ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

⁴⁶ Extraída da entrevista realizada em 12/10/2016.

afinco sua religiosidade, mesmo sendo parte integrante de religiões patriarcalistas, encontram-se não somente em maior número, como participam fielmente das reuniões periódicas.

No seio dos “Borboletas Azuis” essa relação de gênero não fugia à regra, Manguiera (2014), pontuou que, *“As mulheres exercem um papel secundário dentro do movimento ‘Borboletas Azuis’, e como demonstram os estudos de gênero, é comum esta classificação dentro de qualquer instituição ou movimento religioso”*. (MANGUEIRA, 2014, p. 181).

Na atualidade, a Casa de Caridade Jesus no Horto, tem servido não só como espaço sagrado, mas como abrigo para Tereza. Helena comparece diariamente àquele lugar por ser a guardiã daquela casa. Até os dias atuais, ambas são bastante categóricas quando afirmam que estão à espera do seu líder, dotado de poder e da incumbência de tornar a seita maior do que quando era nos tempos de Roldão Manguiera.

Em depoimento, Helena Diniz afirmou que,

Padre Cícero disse aqui sabe o quê? Sabe? E seu Roldão também disse, e Padre Cícero disse também, seu Antonio... Que essa casa ia ser gente que ia encher daqui lá no portão, tanta da gente... Eu tô esperando esse tempo, tô aqui.⁴⁷

Helena Diniz sempre fora a mulher mais ativa dentro do movimento, e atualmente não é diferente, pois tem sido a principal figura do movimento, mantendo sempre viva a Casa de Caridade Jesus no Horto. Juntamente com Tereza, tem a principal função de manter sempre vivos os rituais litúrgicos do grupo, sem que estes se percam ou caiam no esquecimento.

Como prova de sua fidelidade ao movimento e principalmente às orientações dadas por Nossa Senhora por intermédio de Luciene, sua filha, é que esta não abre mão do uso do timão e na mesma corrente ideológica, D. Tereza confirma que segue à risca tudo o que havia aprendido, e que sempre fazia.

A única exceção é a Mesa de Caridade, pelo motivo de que ambas não possuem características mediúnicas, mas continuam acreditando que o Padre Cícero ainda se apresenta no seio dos “Borboletas Azuis”, pois, embora não apresentem características mediúnicas, elas confessam ouvir a voz do Padre Cícero com frequência.

Não tem sido tarefa fácil para estas duas mulheres manterem aquele lugar, pois ambas são aposentadas. Um dos pontos de dificuldade no mantimento da Casa reside no fato de

⁴⁷ Fala extraída da entrevista realizada em 12/10/2016.

ambas não aceitarem doações, pois este era o principal preceito desde os tempos em que Roldão esteve à frente desse grupo.

Diante das diversas situações que estas mulheres enfrentam inclusive o preconceito da população, em nenhum momento deixam transparecer que desejam abdicar de sua religiosidade, pelo contrário, afirmam que permanecerão firmes até o dia em que virá aquele que as guiará segundo os preceitos da Casa de Caridade Jesus no Horto.

Na atualidade, a adepta Maria Tereza é considerada a guardiã ferrenha dos dogmas e preceitos da casa. Tereza apresenta um comportamento mais radical, inclusive se recusando a tocar o sino do templo por entender que ao tocar o sino estaria incentivando as pessoas à irem para os seus trabalhos, que não servem apenas para o sustento próprio, mas também para gastar o que ganham com os prazeres desta vida. Para ela, devemos primar por uma vida separada do mundo exterior. Tereza ainda hoje anda com os pés descalços e relatou em alguns momentos de nossa entrevista que sua missão é desenvolver sua mediunidade.

Ao contrário de Maria Tereza, a remanescente Helena Diniz, tem uma vida mais ativa. Embora aposentada, trabalha vendendo lençóis, sabe dirigir e possui carro próprio, mas prefere trafegar pela cidade andando a pé ou de ônibus. É vista com frequência pelas ruas da cidade, pois se destaca por conta das suas vestes brancas e azuis.

Concluimos que essas mulheres foram essenciais na trajetória do movimento “Borboletas Azuis”. Embora Luciene tenha abandonado sua vida de consagração à Deus, este fato não foi usado como justificativa para que as adeptas Maria Tereza e Helena Diniz abdicassem de sua crença, ao contrário, cada evento ocorrido no seio do movimento dava lhes mais forças para continuarem com suas crenças e práticas, resistindo às intempéries.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, buscamos ressaltar como esse grupo religioso desde sua gênese até os dias atuais foi esquadrinhando sua trajetória, mesmo diante das investidas contra o direito lhes concedido constitucionalmente de professar sua crença, este grupo desempenhou o verdadeiro papel de guerreiros numa luta contra uma sociedade preconceituosa. E de tempos em tempos lhes foi atribuído a indignidade de reinventar-se diante de perdas e conquistas, resistindo ao tempo e à sociedade. E embora estejam em pequeno número, cumprem até os dias atuais com suas obrigações, e de bom ânimo celebram seus ofícios como outrora faziam.

Procuramos em todo o tempo deixar registrado por meio de nossa escrita que os grupos religiosos não são homogêneos, e que em quase sua totalidade persiste uma ideologia pautada no patriarcalismo. Embora as mulheres do movimento fossem observadoras do decálogo mosaico e se apresentassem sujeitas ao líder do movimento, são elas que mantem a luz do templo acesa, e prosseguem confiantes nas promessas de Padre Cícero e de Roldão Mangueira, que profetizaram que aquela casa de oração ainda há de se encher de acólitos.

No tocante ao sagrado, a nossa intenção foi de demonstrar as diversas formas como este se apresenta e suas manifestações, sejam elas: nos médiuns, na Casa de Caridade, no serviço do templo, nas vestes e até mesmo na simples atitude de andar descalços para mortificar a carne.

Abordamos desde o lugar de reunião, até a presença da freira Luciene que teve papel de suma importância, assumindo até o papel de líder, embora isto não fosse reconhecida, nem pela sociedade, e menos ainda pelos adeptos. Foi partindo desse pressuposto que empregamos como aporte teórico as considerações e reflexões de Pierre Bourdieu a partir de sua teoria referente ao Poder Simbólico.

Observamos como necessário fazermos uma breve discussão com relação aos conceitos de milenarismo e messianismo, na tentativa de elucidar as possíveis dúvidas que viessem surgir com a leitura do texto. Buscamos ser didáticos suficientes para a compreensão dos termos, por entender que não são utilizados com frequência no ambiente acadêmico, salvo em cursos como: teologia, filosofia e sociologia.

O uso dos periódicos e das entrevistas como fontes para a confecção deste trabalho foi incisivo para contrapormos informações desencontradas, e para articularmos com as novas

abordagens. Permitindo-nos refletir e provocar reflexões nos possíveis leitores, para assim evitarmos a reprodução e a continuidade de equívocos e de informações sem fundamentos referentes aos “Borboletas Azuis”.

Apoiados nas novas abordagens do tema de gênero, incluímos as discussões referentes ao papel da mulher dentro do movimento messiânico-milenarista “Borboletas Azuis”, que no decorrer dos tempos foi reinventando e alcançando espaço no seio do grupo que desde seus primórdios, tinham na figura masculina, destaque e liderança, como o exemplo do líder e fundador Roldão Mangueira, que atribuía às mulheres do movimento, um papel secundário. Este preconceito e violência de gênero não são características presentes apenas nos “Borboletas Azuis”, mas na maioria das religiões ditas monoteístas.

Utilizamos as narrativas, e a descrição das práticas desse grupo religioso e dos sujeitos que o compõem para melhor compreender como se deu a trajetória dos “Borboletas Azuis”. Foi-nos necessário visitar e revisitar algumas bibliografias. No entanto, a sensação é que ainda são poucos, ou de difícil acesso. Não tivemos a pretensão de apenas narrar fatos. Nossa inquietação é a de demonstrar as diversas possibilidades que temos de apresentar o movimento religioso e o estudar como tal, ao invés de o apenas apresentar, para que futuras gerações tenham conhecimento de um grupo tão rico em suas manifestações, e que, embora seja formado por pessoas simples, foram incisivos no capítulo da história das instituições religiosas da cidade de Campina Grande. Expressamos também nosso desejo de que o tema possa ser estudado ao lado de Contestado e Canudos.

Concluimos que a confecção deste trabalho é de suma importância para o enriquecimento da temática, não acreditando que o mesmo esteja encerrado, pois acreditamos que a partir dele, outros emergirão e ainda assim não se tornará um tema acabado. Os “Borboletas Azuis” não podem ser vistos como um fenômeno que teve seu fim cristalizado nos anos 1980, ele é um movimento vivo e rico, que vem sofrendo com as mudanças e permanências sociais, resistindo a tudo e a todos, à espera de um líder e da vinda de um novo mundo. Enquanto isso não se concretizar, irá sempre existir um “Borboleta Azul” lutando para coexistir com esse mundo, na espera de uma transformação do mesmo aos moldes da pureza divina e da oportunidade igualitária dos servos de Deus em um novo mundo, separado do caos profano.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARAÚJO, Lidiane C. R. de. **Borboletas Azuis de Campina Grande, - crença, prática e lutas de um movimento messiânico milenarista.** 2008. 166 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Humanidades. Campina Grande, Paraíba. 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o ofício de historiador.** Tradução André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro. Difel, 1989.

CARNEIRO, Moaci Alves. **Os Borboletas Azuis.** 2 ed. João Pessoa. Grafset. 1995. 66p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010. (Biblioteca do Pensamento Moderno).

GAARDER, Jostein. **O livro das religiões.** Tradução: Isa Maria Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. (Org.) et alii. **Estudando a História da Paraíba.** Campina Grande: EDUEPB, 2001.

LOPES, Stênio. **Campina Grande e seu destino: uma cidade de muitas conquistas e uma grave ameaça.** Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MANGUEIRA, Davidson Belo. **O Santo que pecou e a chuva que não veio: uma análise socioantropológica do movimento messiânico-milenarista, Borboletas Azuis.** 2014. 202p. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) Universidade Federal da Paraíba. Centro de Educação. João Pessoa, Paraíba. 2014.

MATA, Sérgio da. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 16, n. 46. Junho de 2001, p. 119 a129.

NOGUEIRA, Paulo. **O que é Apocalipse**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos; 333).

NOVAES, R. C. R.; RAMALHO, J. R. **Borboletas Azuis: Mediunidade, Catolicismo e a espera da nova mensagem**. In: LANDIM, Leilah. (Org). *Sinais dos tempos: Diversidade religiosa no Brasil*. ISER - Instituto de Estudos das Religiões. Rio de Janeiro, 1990.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.

WEBER, Max. **Sociologia das Religiões**. 1. ed. São Paulo : Ícone. 2010.

Levantamento documental

1 – Fontes Primárias:

1.1 – Diário da Borborema – Campina Grande, 1979-1980.

2 – Revista:

2.1 – Revista Manchete. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1979, p. 68-75.

3 – Entrevistas utilizadas:

3.1 – Helena Diniz e Maria Tereza: membros ativas do movimento desde os primórdios até os dias atuais: 12/10/2016.

ANEXO A - Capa da Revista Manchete de 10 de Novembro de 1979.



ANEXO B – Imagens usadas pela Revista Manchete na reportagem, para mostrar o interior e a parte frontal da Casa de Caridade Jesus no Horto.

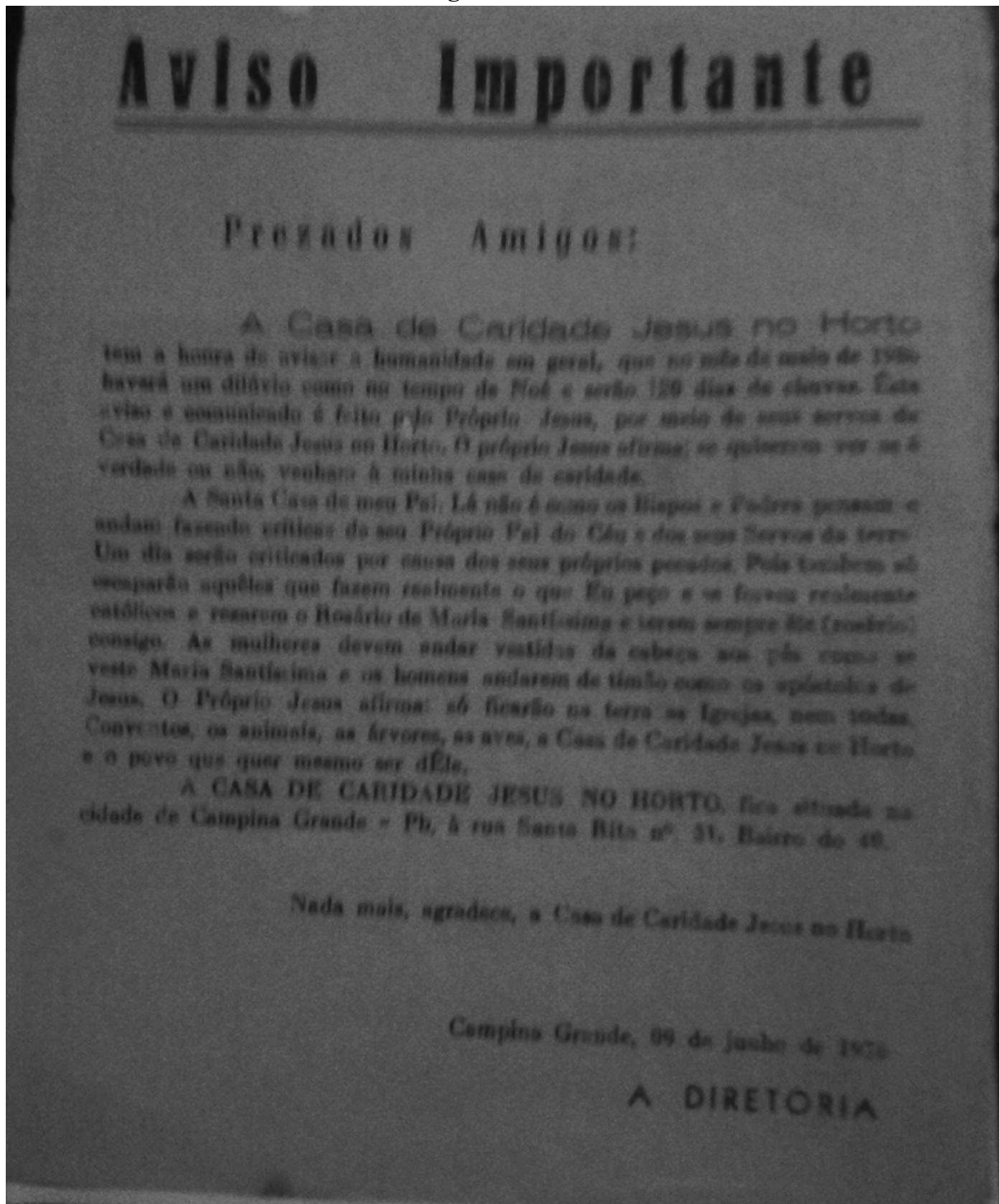


Fotografia realizada no interior do templo em frente ao sacrário.



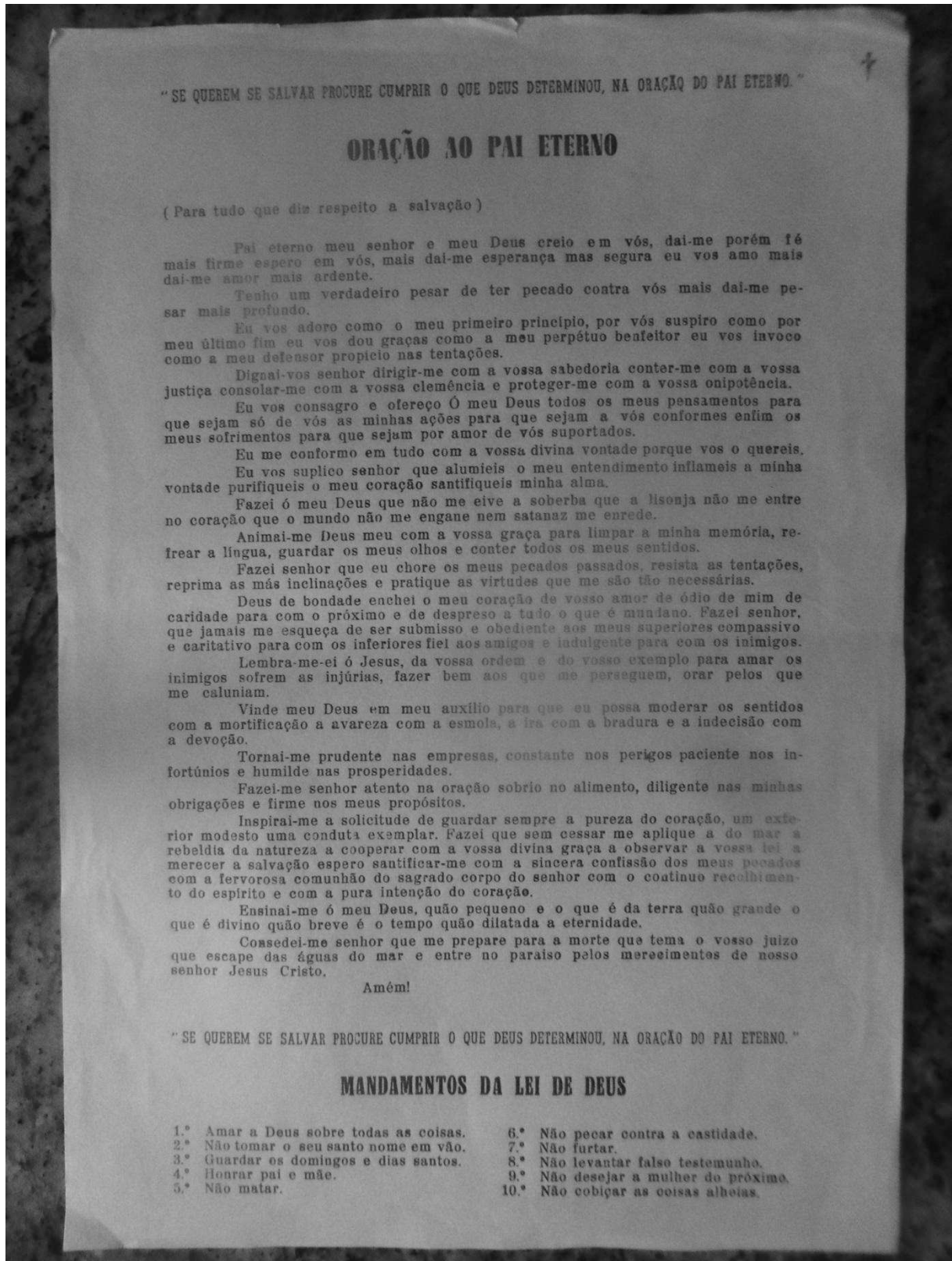
Fotografia realizada com alguns adeptos em frente à Casa de Caridade Jesus no Horto.

ANEXO C – Aviso do movimento entregue à sociedade.



Fotografia tirada em 12/10/2016.

ANEXO D – Oração do Pai Eterno. (Autoria própria).



Esta cópia doada por dona Helena Diniz no dia da entrevista, 12/10/2016.

ANEXO E – Helena Diniz em frente ao Sacrário (em seu interior tem todos os elementos necessário para a realização da liturgia católica), considerado sagrado e apenas ela e Maria Tereza tem a permissão para entrar nesta parte do Templo.



Fotos tiradas no dia 12/10/2016



ANEXO F – Imagem das adeptas na atualidade.



Foto tirada no dia 12/10/2016.

